

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS  
FILOPÉMEN  
E FLAMININO

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS  
REINA MARISOL TROCA PEREIRA E JOAQUIM PINHEIRO



IMPrensa DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**Apresentação:** Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a autora

Reina Marisol Troca Pereira: Professora Auxiliar Aposentada da Universidade da Beira Interior, com Agregação em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra; 2013 – Pós-Doutoramento em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra; 2013 – 2.º Doutoramento, em Estudos Clássicos. Especialidade: Literatura Grega, Universidade de Coimbra; 2003 - Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior; 2000 – Mestrado em Literatura Clássica, Universidade de Coimbra; 1997 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra.

Joaquim Pinheiro é Professor Associado com Agregação da Universidade da Madeira e Investigador Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Exerce, desde junho de 2021, a função de Presidente da Faculdade de Artes e Humanidades.

A sua investigação principal centra-se na análise cultural, literária e textual da obra de Plutarco e de autores gregos do período imperial. Além disso, tem desenvolvido trabalhos na área da retórica, da mitologia clássica e das raízes clássicas da cultura ocidental.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETOR PRINCIPAL**  
MAIN EDITOR

Frederico Lourenço  
Universidade de Coimbra

**DIRETORES ADJUNTOS**  
ASSISTANT EDITORS

Carmen Soares  
Universidade de Coimbra  
Joaquim Pinheiro  
Universidade da Madeira

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Ana Alexandra Alves de Sousa  
Universidade de Lisboa

Francesc Casadesús Bordoy  
Universitat de les Illes Balears

Aurelio Pérez Jiménez  
Universidad de Málaga

Lucía Rodríguez-Noriega Guillen  
Universidade de Oviedo

Christian Werner  
Universidade de São Paulo

Jorge Deserto  
Universidade do Porto

Cláudia Cravo  
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva  
Universidade de Coimbra

Douglas Cairns  
University of Edinburgh

Maria do Céu Fialho  
Universidade de Coimbra

Emiliano J. Buis  
Universidad de Buenos Aires

Maria José García Soler  
Universidade do País Basco

Fernanda Brasete  
Universidade de Aveiro

Rosaria Munson  
Swarthmore College

Fernando Brandão dos Santos  
UNESP, Campus de Araraquara

Susana Marques Pereira  
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS  
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLUTARCO

VIDAS PARALELAS  
FILOPÉMEN  
E FLAMININO

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS  
REINA MARISOL TROCA PEREIRA E JOAQUIM PINHEIRO



IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

TÍTULO

Vidas Paralelas. Filopémen e Flaminio  
Parallel Lives. Philopoemen and Flamininus

INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO E NOTAS

INTRODUCTION, TRANSLATION FROM THE GREEK AND NOTES

Reina Marisol Troca Pereira e Joaquim Pinheiro

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)  
Vendas online Online Sales  
<https://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Margarida Albino

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

Trabalho produzido no âmbito do projeto

BioRom - Rome our Home:

(Auto)biographical Tradition and the  
Shaping of Identity(ies)

(PTDC/LLT-OUT/28431/2017)

Projeto CECH-UC: UIDB/00196/2020 –

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-2646-8

ISBN Digital

978-989-26-2647-5

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2647-5>



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I&D  
Financiada por **fct** Fundação  
para a Ciência  
& a Tecnologia Projeção  
UIDB/00196/2020  
Criado em 1967



REPÚBLICA  
PORTUGUESA



Fundação  
para a Ciência  
& a Tecnologia  
UIDB/0046/2020

© novembro, 2024

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Universitatis  
Conimbrigenis  
<http://classicaldigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

# VIDAS PARALELAS. FILOPÉMEN E FLAMININO PARALLEL LIVES. PHILOPOEMEN AND FLAMININUS

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS

TRANSLATION FROM GREEK INTRODUCTION AND COMMENTARY

Reina Marisol Troca Pereira (Filopémen)

Joaquim Pinheiro (Flaminino e Comparação)

FILIAÇÃO AFFILIATION

Reina Marisol Troca Pereira

Professora Aposentada da Universidade da Beira Interior

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Joaquim Pinheiro

Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

RESUMO

O objetivo deste livro é fornecer, em língua portuguesa, uma tradução do par biográfico Filopémen-Flaminino, com uma breve introdução e notas de apoio à leitura e compreensão do texto.

PALAVRAS-CHAVE

Plutarco, biografia, Filopémen, Flaminino.

ABSTRACT

The aim of this book is to provide a Portuguese translation of the biographical pair *Philopoemen-Flamininus*, with a brief introduction and a commentary.

KEYWORDS

Plutarch, biography, Philopoemen, Flamininus

(Página deixada propositadamente em branco)

## AUTORES

Reina Marisol Troca Pereira é Professora Auxiliar Aposentada da Universidade da Beira Interior, com Agregação em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra; 2013 – Pós-Doutoramento em Estudos Clássicos, Universidade de Coimbra; 2013 – 2.º Doutoramento, em Estudos Clássicos. Especialidade: Literatura Grega, Universidade de Coimbra; 2003 – Doutoramento em Letras (Linguística), Universidade da Beira Interior; 2000 – Mestrado em Literatura Clássica, Universidade de Coimbra; 1997 – Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra. 2006-2020 – Direção de Cursos de Licenciatura, Mestrado e Membro de Comissões Científicas de Cursos do Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior. Investigadora colaborante do Centro de Investigação em Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. 1998 – presente: Traduções publicadas (Grego-Português, Latim-Português) e artigos em publicações nacionais e internacionais com avaliação de pares. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>.

Joaquim Pinheiro é Professor Associado com Agregação da Universidade da Madeira e Investigador Integrado do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Exerce, desde junho de 2021, a função de Presidente da Faculdade de Artes e Humanidades.

É membro do projeto DIAITA – Património Alimentar da Lusofonia (em curso) e, além disso, de dois projetos que, em junho de 2018, foram aprovados para financiamento pela FCT: “*Gynecia*: Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia” (PTDC/FER-HFC/31187/2017) e “Roma nosso lar: tradição (auto)biográfica e consolidação da(s) identidade(s)” (PTDC/LLT-OUT/28431/2017). A sua investigação principal centra-se na análise cultural, literária e textual da obra de Plutarco e de autores gregos do período imperial. Além disso, tem desenvolvido trabalhos na área da retórica, da mitologia clássica e das raízes clássicas da cultura ocidental. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>.

## AUTHORS

Reina Marisol Troca Pereira is a retired Assistant Professor from the University of Beira Interior, with Aggregation in Classical Studies from the University of Coimbra (UC); 2013 – Postdoctoral studies in Classical Studies, University of Coimbra; 2013 – Second Doctorate in Classical

Studies, specializing in Greek Literature, University of Coimbra; 2003 – Ph.D. in Letters (Linguistics), University of Beira Interior; 2000 – Master’s degree in Classical Literature, University of Coimbra; 1997 – Bachelor’s degree in Classical Languages and Literatures and Portuguese, University of Coimbra. From 2006 to 2020, she directed Undergraduate and Master’s programs and served as a member of Scientific Committees at the Department of Letters, University of Beira Interior. She is a collaborating researcher at the CECH Research Center (Center for Classical and Humanistic Studies, University of Coimbra). Since 1998, she has published translations (Greek-Portuguese, Latin-Portuguese) and articles in national and international peer-reviewed publications. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9681-8410>.

Joaquim Pinheiro is Associate Professor with Habilitation at the University of Madeira and researcher at the Center for Classical and Humanistic Studies at the University of Coimbra. Since June 2021, he has been the President of the Faculty of Arts and Humanities.

He is member of the DIAITA Project – Lusophone Food Heritage (in progress) and, in addition, two projects that in June 2018 were approved for financing by FCT: “*Gynecia*: Rodericus a Castro Lusitanus and the ancient medical tradition about gynecology and embryology” (PTDC / FER-HFC / 31187/2017) and “Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of identity” (PTDC / LLT-OUT / 28431/2017). His main research focuses on the cultural, literary and textual analysis of Plutarch’s *Vitae* and *Moralia*, and Greek authors of the imperial period. In addition, he has developed works in the area of rhetoric, classical mythology and the classical legacy of Western Culture. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>.

# SUMÁRIO

SUMÁRIO	9
INTRODUÇÃO – VIDA DE FILOPÉMEN	11
VIDA DE FILOPÉMEN	21
INTRODUÇÃO – VIDA DE TITO FLAMININO	53
VIDA DE TITO FLAMININO	59
COMPARAÇÃO DE FILOPÉMEN E TITO FLAMININO	91
BIBLIOGRAFIA	95
ÍNDICE DE NOMES (SELEÇÃO)	99

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO – VIDA DE FILOPÉMEN

Ἰδέλιδι καὶ τῷ Μανουήλῳ μέχρι παντός·

Ἐν τε τοῖς ἄλλοις ἅπασιν ἄνδρα δεινότατον τῶν Ἑλλήνων, “homem mais capaz de entre os gregos” (*Flam.* 13.2), expoente máximo, com educação (παιδεία) grega, genuinamente digno da Hélade –, assim considera a opinião generalizada respeitante a Filopémen. O registo coligido por Plutarco (*Flam.* 1) exprõe como paradigmático o parecer emitido por um estrangeiro, romano<sup>1</sup> de naturalidade. Porém, a asserção não recolhe unanimidade. Desde logo, o beócio oriundo de Queroneia completa o seu pensamento com um certo traço irónico face ao suposto exagero da conotação laudatória, qual vislumbre (θαυμάζοντες) reportado na biografia de Arato (24.2). Então, demarca-se da posição que estende aos romanos na generalidade e alonga a lista de feitos helénicos, superlativa em ousadia, sorte (τοῦτο μὲν τόλμη, τοῦτο δὲ τύχη) e eficácia, conferindo por isso a primazia à tomada de Acrocorinto.

Personalidade memorável, Filopémen contou com odes<sup>2</sup>, inscrições<sup>3</sup>, estátuas e vários apontamentos biográficos,

---

<sup>1</sup> Cf., na ala romana, Cass. *Brut.* 44.

<sup>2</sup> E.g. homenagem pelo harpista megapolitano Pílates, com ode do milésio Timóteo. A letra era reconhecidamente aplicável a Filopémen (Paus. 8.50.3).

<sup>3</sup> A inscrição laudatória de uma estátua de Filopémen em Tegeia é reproduzida, apresentando uma pequena sùmula biográfica. Vd. Paus. 8.52.6: τοῦδ' ἄρετὰ καὶ δόξα καθ' Ἑλλάδα, πολλὰ μὲν ἀλκαῖς,

designadamente os grafados por Políbio<sup>4</sup>, Pausânias<sup>5</sup> e na enciclopédia bizantina *Suda*<sup>6</sup>, homenageando a sua sabedoria e eficácia bélica.

Depois que a Grécia foi derrotada em Corinto (Plb. 39.14; *Philop.* 21.5), no ano de 146 a.C., destruíram-se muitas estátuas de Filopémen espalhadas por várias cidades, qual retaliação pública com contornos de punição vingativa pessoal, como se o ‘ofensor’ megapolitano ainda vivesse. Na realidade, recuperava-se o que hoje poderia qualificar-se como atitude discriminatória xenófoba, face a um inimigo de Roma, de facto oposto a Flaminino<sup>7</sup> (ambicioso, representativo da conquista da Grécia por Roma), Mânio. E ainda assim, geria a convivência com o inimigo romano<sup>8</sup> e de certa forma mostrava-se modelar.

---

| πολλὰ δὲ καὶ βουλαῖς ἔργα πονησαμένον, | Ἀρκάδος αἰχμητῶ  
 Φιλοποίμενος, ὃ μέγα κῦδος | ἔσπετ’ ἐνὶ πτολέμῳ δούρατος  
 ἀγεμόνι. | μανύει δὲ τρόπαια τετυγμένα δισσὰ τυράννων | Σπάρτας:  
 αὐξομένην δ’ ἄρατο δουλοσύναν. | ὧν ἔνεκεν Τεγέα μεγαλόφρονα  
 Κραύγιδος υἱόν | σταῖσεν, ἀμωμήτου κράντορ’ ἔλευθερίας. “O valor  
 e glória deste que efetuou muitos trabalhos na guerra, o lanceiro arca-  
 diano Filopémen de grande renome, quando comandou as lanças na  
 guerra, revelam dois troféus ganhos a partir dos tiranos de Esparta:  
 removeu a escravidão acrescida. Por conseguinte, Tegeia erigiu em  
 pedra o estimado filho de Cráugis, autor de liberdade irrepreensível.”  
 Considere-se, para tanto, Tegeia, local onde as forças comandadas por  
 Filopémen venceram Nábis de Esparta, em 201 a.C. (Paus. 8.52.6);  
 cf. 2, 10.

<sup>4</sup> Políbio também menciona aspetos vários relativos a Filopémen; cf. Plb. 2, 10, 11, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 37, 39.

<sup>5</sup> Paus. 8.49-51. Pausânias refere a existência de representações honorárias em bronze, ainda que não sobreviventes à época (Paus. 8.49), contrariamente à sua estátua em Delfos, além de uma inscrição (cf. nota 3); *vide* McDonnell 2006: 40.

<sup>6</sup> *Sud.* φ409.

<sup>7</sup> Cf. Raeymaekers 1996.

<sup>8</sup> Cf. Plb. 39.14 [39.3.7]) ἀληθινώτατα διατετηρηκέναι τὴν πρὸς Ῥωμαίους φιλίαν, “manteve amizade por Roma, com a maior fidelidade”.

Todavia, a dita aversão desprezável de estrangeiros não mais reportava do que o conceito comum às civilizações da Antiguidade Clássica ao perspetivarem as culturas alheias como ‘bárbaras’<sup>9</sup>. De igual modo, algumas notas de anti helenismo, num período de helenização<sup>10</sup>, pós-colonialismo<sup>11</sup>. Ou seja, apesar de dominante, em termos culturais, a Grécia cede ao poder político imperial<sup>12</sup> de outra nação, após conquista militar<sup>13</sup>. Pese embora a ‘libertação’ em que Filopémen participa<sup>14</sup>, substituía-se a tirania macedónia pela autoridade imperial romana, num sentido seguido por Catão, o Antigo (ou Censor<sup>15</sup>, séc. III/II a.C.), o mesmo equivale a dizer, condenando uma aculturação extrema, o que traduz uma crítica implícita velada sob o simbolismo da figura de Filopémen, ao poder de Roma<sup>16</sup>, embora o general grego não traduza outrossim a convenção, porquanto também matou muitos gregos e assistiu romanos (e.g. Flaminio), unindo-se-lhes na nauumaquia contra Nábis (Paus. 8.50.6-7).

---

<sup>9</sup> Cf. Gruen 1995, 2010.

<sup>10</sup> Cf. o próprio Plutarco, Queroneia, 46 a.C., reinados de Cláudio e Nero, estudou em Atenas na Academia filosófica platónica. Vd. contacto com a segunda sofística; viagens pelo Império Romano. Cf. Alston 1996.

<sup>11</sup> Cf. Hose 2005.

<sup>12</sup> Cf. North 1981; Webster – Cooper 1996; Morley 2010.

<sup>13</sup> Cf. Henrichs 1995.

<sup>14</sup> Acerca de política e governo apaixonado em Plutarco, *vide* Beneker 2012.

<sup>15</sup> Cf. Astin 1978.

<sup>16</sup> Cf. Jones 1971.

Figura controversa, até as honras seriam demolidas na totalidade, não fossem intervenções como as de L. Múmio (*Philop.* 20-21)<sup>17</sup>, referidas por Políbio<sup>18</sup>.

Ora, sumariamente, criado no seu lar pelo exilado hóspede, Cassandro (ou Cleandro de Mantineia, Paus. 8.49), em Mégale, após o falecimento do nobre progenitor, Cráugis, Filopémen (253 a.C. – 183 a.C.), um dos homens mais impressionantes da Arcádia, registou um processo de nobilitação de carácter e benefício para a Grécia (*Philop.* 1), o que quase faz de si um ‘homem de missão’.

Na juventude, a sua educação tradicional grega contou ainda com os megapolitanos Eudemo e Demófanes, na sequência do académico médio Arcesilau de Pitane e contrários a Aristodemo e Néocles, tirano de Sícion, seguindo Arato.

Soberbamente ciente de uma compleição física inigualável no Peloponeso (μέγεθος μὲν δὴ καὶ σώματος ῥώμην, Paus. 49.3), embora destituído de beleza (Paus. 8.49.3: ἦν τοῦ προσώπου κακός, “era feio de aparência”) – opinião não consensual, de que Plutarco discorda (*Philop.* 2.1) –, foi escolhido comandante da cavalaria e de infantaria, quando necessário (Paus. 8.49.5), dos aqueus (Paus. 8.49.5) por oito vezes (στρατηγός, entre 208 e 182 a.C.), a derradeira já com setenta anos (cf. Paus. 8.51.1; *Philop.* 18). Em termos gerais, não se constata no Macedónio a oposição tradicional ‘ser’ /

<sup>17</sup> Cf. Diod. 29.18; outrossim Políbio, impedindo a destruição de todas as estátuas (Plb. 39.3). Outras figuras (viz. de Aqueu, Arato, Filopémen), que Políbio procura resgatar, haviam sido mudadas do Peloponeso para Acarnânia (região oeste da Grécia central, sobranceira ao Mar Iónico). Para demais honras, considerem-se um altar, sacrifício anual, inscrições (similarmente a Arato, relacionado com Zeus *Soter*), enquanto salvador, libertando a Grécia de poderes tirânicos; cf. Jones 2010: 33-34 e Hughes 2013: 58.

<sup>18</sup> Cf. Derow 2015.

‘parecer’<sup>19</sup>, mas antes um exemplo de *kalokagathia*<sup>20</sup> – *Flam.* 15.4 (ἐκεῖνος ὁ ἀνὴρ οὐ δοκῶν μόνον, ἀλλὰ καὶ ὢν ἄριστος, “aquele homem não apenas aparentava, mas também era virtuoso”). Juntando-se com as investidas de Antígono, pela Macedónia, eram-lhe contrários<sup>21</sup> nomes como os lacedemónios Cleómenes, Cassandro, Macânidas (cf. *Philop.*10.1), Nábis, eleatas, etólios (e.g. Demofanto, que mata; Paus. 8.49.7).

Destacam-se também, no rol de funções desenvolvidas, o comando de mercenários; liderança de atividades em Creta (Paus. 8.49.7; *Philop.* 7.1, 13.1, valorização do dever em casa antes do estrangeiro – traição), unindo-se aos gortínios (Paus. 8.50.6); reformulações empreendidas na secção equestre, e infantaria aqueia; estratégias; mudança de equipamento, de lanças e escudos à maneira celta e persa, para armadura, grevas, escudos argólicos, lanças longas (Paus. 8.50.1).

Tampouco fatores normalmente debilitantes travam os seus propósitos, a saber, idade avançada, ferimentos<sup>22</sup>, febre, situações militares de desastre.

Enquanto figura paradigmática, cabe a Filopémen a comparação homérica<sup>23</sup> com o exemplo da educação de Aquiles ministrada por Fénix, o que denota um pendor régio/nobre.

---

<sup>19</sup> ‘Ser’ (εἶναι) é efetivamente diferente de ‘parecer’ (δοκεῖν) – uma dicotomia com particular destaque e visibilidade com o grupo dos sofistas alheado de princípios éticos e morais na sua atividade (*vide* A. Ag. 788, com a reflexão dos anciãos experientes do coro, de forma sentenciosa e com sentido pedagógico: πολλοὶ δὲ βροτῶν τὸ δοκεῖν εἶναι, “é que muitos mortais colocam o parecer antes do ser”; cf. Pl. *R.* 1.334c; *Sph.* 233a-d).

<sup>20</sup> Καλοκάγαθία (καλὸς καὶ ἀγαθός, ‘belo e bom’); cf. tratados de fisiognomonía (e.g. Polem. *Phgn.* 1.210. Cf. Ps. Arist. *Phgn.*); considere-se Polemis 1968: 3.

<sup>21</sup> Cf. *Philop.*16-17, importantes, no tocante à atitude para com Roma.

<sup>22</sup> Cf. *Philop.* 5, 6, 18; a este propósito, *vide* Paus. 8.51.6.

<sup>23</sup> Cf. Zeitlin 2001.

Contudo, eram processos diferentes: a instrução do Pelida, mitológica; com traços de homoerotismo; com pai vivo e mãe divina, o que de algum modo potencia uma certa divinização na analogia (Aquiles<sup>24</sup> = semideus); e de tonalidade heroica. Já Filopémen é um comandante arcadiano megapolitano de estirpe social nobre, mas não régio. Cidadão-soldado, qual Pelida, detinha espírito impulsivo/enraivecido/temperamento apaixonado, ira extrema, o que desde logo o distancia da figura que pretendia emular (Epaminondas, Paus. 8.49.3), reconhecidamente *πραῖον* ('brando'), *βαθύ* ('profundo'), *φιλόανθρωπων* ('benevolente'), e de igual forma detentor de qualidades políticas (Plb. 23.12.8-9). Com Aquiles partilha outrossim alguma arrogância<sup>25</sup>, chegando a permitir a fuga de inimigos espartanos, diferente de Epaminondas (*Philop.* 14). Tal como um romano tradicional (vd. Cato *Agr.* Praef.) face a ações no mar, destaca-se em operações de terra, ainda que comparado a um 'bom timoneiro' (*Philop.* 17.2: *ἀγαθὸς κυβερνήτης*). Salienta-se também um determinado desconforto com a perda de poder.

Valoroso, tanto pela sabedoria, como por trabalhos e feitos, cujo apreço o integra, por um lado, no âmbito do valor tradicional romano *negotium* (cf. Cato *apud Columela* 11.1.26); por outro, espelha o repúdio romano com um certo pendor estoico pelo ócio (*otium*; cf. *Philop.* 8.4, distinção comparativamente a Arato, *ἀργότερος*, "muito ocioso"; *Phil.* 13, *ἀλλότριος σχολῆς*, "avesso ao ócio"; Antíoco *Philop.* 17), luxo, despesas para o corpo (*Philop.* 9), presentes/subornos (Paus. 8.51.2., *Philop.* 7.3, recusa ofertas de Antígono; 15.4 – cf. *anecdota* com Timolau),

<sup>24</sup> Cf. Geiger 1995.

<sup>25</sup> Embora ignorante a par dos demais arcadianos (cf. *Il.* 2.614), junta-se com um trirreme aos romanos, contra Nábis (Paus. 8.50.7).

exercício físico em jogos, pelo que, nos Jogos Nemeus de 206 a.C., exibe força militar (*Philop.* 11.1).

Outrossim, frequenta o teatro, participando dos Jogos Nemeus de 205 a.C., representando o regresso a um passado grego glorioso. Manifesta gosto por leituras (cf. *otium cum dignitate*<sup>26</sup>) selecionadas (e.g. filósofos, Homero, histórias de Alexandre), desde que ligando a palavra à ação útil virtuosa (*Philop.* 4); caça e agricultura (*Philop.* 4); táticas militares de Evandro; emprego do ganho: cavalos, libertação de cativos, propriedades agrícolas, negócios justos; aplicação de lazer a atividades de virtude (viz. guerra); capacidade discursiva/retórica (*Philop.* 5.2).

O cariz paradigmático, simbólico e modelar de Filopémen prossegue até ao aprisionamento final, imbuído de uma certa teatralidade, porquanto resulta numa morte/assassinato de feição quase socrática, em Messene, por veneno<sup>27</sup>, a mando de Dinócrates (Paus. 8.51.7), uma decisão já anteriormente tentada<sup>28</sup>. A sua atitude veicula uma derradeira mensagem de justiça, com a qual Plutarco parece concordar, independentemente da posição da Grécia para com Roma, distinguindo entre virtude e necessidade, por um lado; e honra e vantagem, por outro. Ademais, como uma justiça póstuma, Dinócrates suicida-se e outros são torturados por apedrejamento, o que,

---

<sup>26</sup> O carácter didático da literatura enquanto *otium cum dignitate* deve salientar-se quando o conteúdo retratado se inscrevesse no âmbito dos *mores* tradicionais, em conformidade com a *grauitas* romana escudada na severa legislação em prol do *pudor* e da *pudicitia*, e a forma de expressão refletisse elegância e dignidade. Sobre este assunto, veja-se Boyancè 1941; Fuhrmann 1960; Beltrán Cebollada *et al.* 2013. Cf. Cic. *De Orat.* 1.1, *Fam.* 1.9.21; *Sest.* 98.

<sup>27</sup> Cf., *mutatis mutandis*, Sócrates.

<sup>28</sup> Vide tentativa gorada de assassinato por envenenamento (Paus. 8.50.4) ordenado por Filipe, filho de Demétrio da Macedónia, assassino de Arato de Sícion.

de certo modo, pode também relacionar-se com a figura de Aquiles e o castigo de troianos no funeral de Pátroclo (*Il.* 23.175-183). No cômputo geral, o retrato de Plutarco considera Filopémen como um indivíduo εὐτυχής (“sortudo”, *Flam.* 8.4).

Contrariamente ao usual, procede-se à *synkrisis* da vida de Filopémen (i.e. surge emparelhada<sup>29</sup>) com a de um inimigo romano contemporâneo, Tito Flaminino<sup>30</sup>, comandante romano na Grécia, conforme manifesta Plutarco, ao debruçar-se sobre este último (*Flam.* 1). Afinal existiam também pontos de contacto. Em termos gerais, parece haver interesse em aproximar Filopémen a Flaminino, relativamente a aspetos como φιλοτιμία, φιλοδοξία (“gosto por honra”), φιλονικία (“gosto pela vitória”), concretizados distintamente, nos seus respetivos cenários. Ainda assim, tal vertente surge como crítica dos generais gregos, que não sabiam dar uso correto às vitórias (e.g. *Flam.* 11.5: ὀργή, “temperamento”; *Flam.* 3.2, 17.1: φιλοτιμία, “ambição”).

A biografia plutarquiana de Filopémen resulta breve, condensada e não muito detalhada. A prosa é simples, evitando a acumulação de ornamentos estilísticos desnecessários ao evoluir do reconto<sup>31</sup>. A estrutura desenvolve-se de modo sequencial, ao longo de 21 capítulos, destacando-se, em 13.1, um falso final, como se posteriormente não expusesse outros feitos do comandante (“Essas foram as coisas belas de Filopémen”). Eis, por conseguinte, a sinopse, mediante a ordem

<sup>29</sup> Cf. Scardigill 1995; Humble 2010.

<sup>30</sup> Retratado por uma estátua de bronze, em Roma, na direção oposta ao *Circus Flamminius* de 221 a.C.

<sup>31</sup> Com finalidade mormente ilustrativa, usam-se algumas comparações (e.g. fera, 10.6; pássaros – aliados de Nábis, 14.7; timoneiro, 17.2; atleta corredor, 18.2), alargando-se a símiles em 8.1, 12.1, 18.1.

da edição teubneriana aqui seguida: 1 – família; educação enquanto criança e jovem; carácter; 2 – aparência física: *anecdota*; 3 – práticas e costumes, a exemplo de Epaminondas; 4 – aplicação de lazer a atividades de virtude (viz. guerra); 5 – Filopémen com 30 anos de idade. Cleómenes de Esparta invade Mégale. Combate com Filopémen; 6 – Confronto entre Cleómenes e Filopémen, aqueus, Antígono, macedónios, ilírios. Ferimento de Filopémen, com as coxas trespassadas; 7 – recusa ofertas de Antígono; exercício em Creta; regresso; comandante de cavalaria dos aqueus; estimula exercícios/treinos; luta contra etólios e eleatas. Morte de Damofanto; 8 – Arato e a Liga dos Aqueus. Diferença de Filopémen; 9 – reformulação da falange; 10 – aqueus em guerra com Macânidas, de Esparta, que invade Mantineia. Filopémen vence; 11 – Filopémen segunda vez comandante, Jogos Nemeus, teatro, citaristas; 12 – mudança de comandante. Tentativa de assassinato de Filopémen, a mando de Filipe da Macedónia, falhada. Beócios sitiavam Mégara. Nábis de Esparta ataca Messene. Lisipo comandante dos aqueus. Filopémen sem comando. Messene é libertada; 13 – Filopémen de novo em Creta, comandante com metodologia cretense. Mégale atacada por Nábis. Considerada a ausência como traição, condenado ao exílio evitado por aqueus e Aristeno; 14 – regresso ao Peloponeso. Filipe derrotado por Tito. Nábis em guerra contra aqueus e romanos. Epaminondas e Filopémen perante o mar. Filopémen vence Nábis em terra; 15 – Vitória festejada em teatros; Tito ressabiado face a honras dos aqueus atribuídas a Filopémen. Tito cessa guerra com Nábis. Filopémen coloca Esparta na Liga dos Aqueus. Presentes a Filopémen – tentativas de Timolau; 16 – Ira de Diófanos, comandante da Liga dos Aqueus contra lacedemónios, Filopémen, contra o costume, ataca Diófanos, os romanos (e Antíoco) na Lacedemónia.

Derrota Licurgo de Esparta; 17 – romanos, contra Antíoco na Hélade, vencem com Mânio. Filopémen civil. Ócio de Antíoco em Cálcis. Filopémen e Aristeno Megapolitano. Posição face aos fugitivos lacedemónios; 18 – Filopémen, 70 anos, comandante dos aqueus, pretende tranquilidade. Embora febril, contra Dinócrates Messénio. Cai do cavalo, sendo derrotado é aprisionado; 19 – Messene dividida entre apoiantes e delatores de Filopémen. Lamentos; 20 – assassinato de Filopémen a mando de Dinócrates; 21 – funeral de Filopémen. Honras e Mómio<sup>32</sup>. Suicídio de Dinócrates. Políbio, filho de Filopémen.

---

<sup>32</sup> Lucius Mummius Achaicus.

## VIDA DE FILOPÉMEN

1. 1. Cleandro<sup>33</sup> era da mais alta descendência e força entre os principais cidadãos em Mantinea. Porém, tendo-se deparado com o infortúnio<sup>34</sup> e sendo exilado da sua própria [cidade], foi para a urbe de Mégale<sup>35</sup>, sobretudo devido a Cráugis<sup>36</sup>, pai de Filopémen, homem distinto em todos os aspetos, e que olhava para ele com familiaridade. 2. Em vida, este gozou de tudo, mas quando morreu, enquanto recompensa pela hospitalidade, criou-o como seu filho órfão, assim como Homero refere<sup>37</sup>, ao afirmar que Aquiles foi educado por Fénix, tomando, desde o início, como padrão de carácter e crescimento, uma certa nobreza e realza. Mas, logo que Filopémen deixara de ser criança, Ecdelo<sup>38</sup> e Megalófanes<sup>39</sup>, megalopolitanos, receberam o encargo<sup>40</sup>. Tinham sido com-

---

<sup>33</sup> Cf. Plb. (séc. II a.C.); Paus. (séc. II): Κάσανδρος, Cleandro A (=L cod. *Laurentianus* conv. Suppr. 206.) Q (= C – cod. *Parisinus* 1673; = B – cod. *Parisinus* 1672; = M cod. *Manacensis* 85; V<sup>b</sup> = cod. *Vindobonensis* 60); cf. Str. e Paus. 8.49.

<sup>34</sup> Em grego, *tyche* ('sorte'); cf. distinção entre destino pré-determinado (*moira*) e acaso/sorte/fortuna (*tyche*), denotando mudanças, normalmente seguindo uma tendência voltada para o negativo.

<sup>35</sup> Cf. Μεγάλη πόλις, 'Megalópolis', Arcádia, provavelmente fundada por Epaminondas (séc. V-IV a. C.), no segundo ano da 102a Olimpíada / Batalha de Leuctra (vitória de Tebas, comandada por Epaminondas sobre Esparta, comandada por Cleômbroto), 371 a.C.

<sup>36</sup> Cf. = Cráusis. A designação 'Cráugis' surge também noutros autores, por exemplo Paus. 8.52.6.

<sup>37</sup> *Il.* 9.438 sq.

<sup>38</sup> Ecdemo?

<sup>39</sup> Demófanes?

<sup>40</sup> Cf. Paus. 8.49-51.

panheiros de Arcesilau<sup>41</sup> na Academia e, acima de todos os da sua época, trouxeram a sua filosofia para a política e as ações [públicas]. 3. Eles libertaram a sua própria pátria da tirania, secretamente tendo providenciado os que mataram Aristodemo, e com Arato expulsaram Níocles, tirano de Sícion<sup>42</sup>, e, a pedido dos de Cirene<sup>43</sup>, encontrando-se a cidade inquieta e a sofrer, navegaram, instalaram a ordem<sup>44</sup> e dispuseram o melhor na cidade. 4. Eles mesmos cuidaram também, entre outros trabalhos, da instrução de Filopémen, aperfeiçoando o homem pela filosofia, como benefício comum para a Hélade. Com efeito, tendo surgido tardiamente, na velhice, com as virtudes dos antigos comandantes, a Grécia amou-o em particular e aumentou o poder com a reputação. E um certo romano, elogiando, apelidou-o de ‘máximo dos gregos’<sup>45</sup>, como se depois dele não tivesse nascido nenhum grande homem da Grécia, nem digno dela.

2. 1. Não tinha aparência vergonhosa, como julgam alguns. Vemos, pois, que persiste uma estátua dele em Delfos. Os erros da estrangeira megárica dizem que se deveu a uma certa indiferença e simplicidade dele. Na realidade, sabendo ela que o general dos aqueus vinha para casa dela, na confusão, preparou o repasto, não se encontrando, por acaso, o marido em casa. 2. Nesse momento, Filopémen entrou, envergando uma capa<sup>46</sup> simples. Pensando ela que era um corredor dos remadores,

---

<sup>41</sup> Fundador do segundo período da Academia (Academia Média, μέσην Ἀκαδημείαν), c. 266 a.C., referido por Diog. 1.14.

<sup>42</sup> Cf. *Arat.* 2-10.

<sup>43</sup> Colónia grega, na atual Líbia.

<sup>44</sup> Em grego, *eunomia*.

<sup>45</sup> Cf. *Arat.* 24.2, embora Plutarco afirme discordar; ver, ainda, Paus. 8.49.3, mencionando Filopémen como superior em força.

<sup>46</sup> Em grego, *chlamydion*.

convidou-o para ajudar no serviço. Então ele<sup>47</sup>, imediatamente, tirou a capa e rachou madeira. Ora, entrando o hospedeiro e vendo, disse: “O que é isto, “Filopémen?” Este respondeu, em dórico: “O que mais – disse – além de estar a pagar uma pena pela má aparência?” 3. E de outra vez, Tito<sup>48</sup>, zombando da natureza do corpo, afirmou: “Filopémen, quão belas mãos e pernas tens! Mas não possuis barriga!”. Com efeito, Filopémen era mais esguio na cintura. O gracejo visava mormente a sua força bélica. Na realidade, embora tivesse excelentes hoplitas e cavaleiros, muitas vezes ficava sem dinheiro. Porém, dizem-se essas coisas acerca de Filopémen nas escolas de filosofia.

3. 1. E quanto aos costumes, o amor pela honra que marcava o seu carácter não estava de todo livre da afeição pela contenda, nem pela ira. Embora desejasse moldar-se sobretudo a partir de Epaminondas, era a eficácia, sagacidade dele e indiferença ao dinheiro que imitava com toda a força. Porém, com a sua impulsividade e apreço pelo contencioso, não conseguia assemelhar-se à brandura, ponderação e humanidade em disputas políticas, pelo que se considerava que era mais dotado de virtudes militares do que cívicas. 2. Desde a infância, era francamente afeiçoado pela vida militar e aprendia com rapidez as lições úteis para isso, manejar armas e cavalgar. Também era julgado apto para lutar, mas quando alguns dos seus amigos e orientadores o exortaram para o atletismo, ele perguntou-lhes se isso não prejudicaria o seu exercício militar. 3. Eles disseram (e era a verdade) que o atleta diferia em tudo do militar, no tocante ao corpo e à vida, e, em especial, que a sua dieta e exercício eram outros, com muito sono, permanente

---

<sup>47</sup> Entenda-se ‘Filopémen’.

<sup>48</sup> Tito Flaminino.

saciedade alimentar, períodos fixos de atividade e repouso, a fim de preservar ou melhorar a sua condição, que toda a variação e alteração na rotina tendia a mudar para pior. Por outro lado, o outro<sup>49</sup> deveria estar familiarizado com todos os tipos de irregularidade e todas as formas de desigualdade, e, acima de tudo, acostumar-se facilmente com a carência de comida e de sono. 4. Ao ouvir isso, Filopêmen, não apenas evitou a prática de atletismo e troçou dela, mas também, posteriormente, enquanto general, baniu do exército todas as formas de atletismo, com reprovação e desonra, como se tornassem inúteis os corpos mais válidos para os combates necessários.

4. 1. Livre de professores e pedagogos, nas campanhas cívicas que fizeram, invadindo a Lacônia, em busca de saque e pilhagem, ele acostumou-se a marchar primeiro, mas a vir por último, ao regressar. Quando tinha lazer, trabalhava o corpo na caça e a cultivar, tornando-se ágil e, ao mesmo tempo, forte. 2. Com efeito, possuía um belo campo a vinte estádios<sup>50</sup> da cidade. Ia para lá todos os dias depois do jantar ou após o almoço, e atirava-se sobre um estrado comum, como qualquer um dos trabalhadores, para dormir. Então, no início da manhã, levantava-se para o trabalho, juntamente com os lavradores ou pastores, findo o qual voltava para a cidade e se ocupava dos assuntos públicos, com amigos e magistrados.

3. Tudo quanto obtinha das suas expedições, despendia em cavalos, armaduras, ou na libertação de cativos, e procurou aumentar a sua propriedade pela agricultura, que é a maneira mais justa de ganhar dinheiro. Ele não praticava agricultura

---

<sup>49</sup> Entenda-se 'o soldado'.

<sup>50</sup> Inicialmente designação de um percurso de competição. A partir do séc. V a.C., também unidade de medida de extensão variável consoante o povo e a localidade.

apenas como um negócio secundário, mas julgava que era preciso deter propriedade própria, de modo a manter-se afastado da alheia.

Ouviu outrossim os discursos e empenhou-se nos escritos dos filósofos – não em todos, mas naqueles que considerou úteis para a virtude. 4. E quanto às obras de Homero, aplicou-se em tudo o que nelas julgou que despertava e estimulava virilidade. Entre outros escritos, dedicou-se sobretudo às táticas de Evângelo, e embrenhou-se nas histórias de Alexandre, pensando que as palavras devem conduzir aos feitos, a menos que surjam apenas a título de lazer e conversa fútil<sup>51</sup>.

5. De facto, ele deixava de lado os gráficos e diagramas para a ilustração de princípios táticos, e fazia suas provas e estudos no próprio terreno. As formas como os lugares se inclinam para se encontrarem uns com os outros, as planícies niveladas chegam a um fim abrupto, e todas as vicissitudes e formas de uma falange quando se alonga e contrai novamente nas proximidades de ravinas ou valas estreitas, ele observava por si mesmo, enquanto viajava e discutia com os seus companheiros. 6. Pois parecia que esse homem dedicava mais zelo do que o necessário ao estudo dos assuntos militares, fixando as suas afeições na guerra como um exercício muito diversificado de virtude, e desconsiderando por completo, como inúteis, aqueles que a deixavam para outros.

5. 1. Tinha trinta anos de idade quando Cleómenes, rei dos lacedemónios, subitamente atacando de noite e atropelando os guardas, entrou na cidade de Mégale e ocupou a praça<sup>52</sup>. Filopémen veio, contudo não dominou a ponto de expulsar

---

<sup>51</sup> *Otium cum dignitate*; cf. Cic. *Att.* 1.7.

<sup>52</sup> 223 a.C.

os inimigos, embora tenha lutado vigorosamente e competido com ousadia.

2. Todavia, conseguiu, por assim dizer, retirar os cidadãos da cidade, enfrentando os perseguidores e atraindo Cleómenes contra si mesmo, de modo que, com grande dificuldade, conseguiu escapar por último, perdendo o cavalo e ficando com ferimentos. Quando Cleómenes os enviou a Messene<sup>53</sup>, para onde tinham ido, e lhes ofereceu devolver a cidade com os seus bens e o seu território, Filopémen, vendo que os cidadãos ficariam contentes em aceitar e estavam desejosos para regressar, opôs-se e dissuadiu-os com palavras, mostrando como Cleómenes não se preparava para devolver a cidade, mas estava a conquistar os cidadãos, de modo a que assim pudesse ter a cidade também mais seguramente em seu poder. De facto, ele não conseguiria permanecer lá e guardar casas e muros vazios, mas seria forçado a abandoná-los também pela solidão. Ao dizer isso, desviou os cidadãos, porém deu a Cleómenes<sup>54</sup> motivo para devastar e arruinar a maior parte da cidade e partir, carregado de espólios.

6. 1. Quando o rei Antígono avançou com os aqueus para dar auxílio contra Cleómenes, que ocupara as alturas e desfiladeiros em torno de Selásia<sup>55</sup>, colocou as suas forças nas proximidades, com o propósito de atacá-lo e forçar uma passagem. Filopémen estava posicionado entre a cavalaria com os seus próprios concidadãos<sup>56</sup>, e tinha como apoio os

---

<sup>53</sup> Cidade-estado do sul da Grécia, em Messénia.

<sup>54</sup> Cf. *Cleom.* 24.

<sup>55</sup> Cidade lacónia, destruída por Arato. Cf. Plb. 2; Paus. 13.49; Liv. 34.28. Batalha de 222 a.C.; cf. *Cleom.* 27-28.

<sup>56</sup> Segundo Plb. 2.66.7 estavam com a cavalaria macedónia 1000 aqueus e 1000 megapolitanos.

ilírios<sup>57</sup>, que eram um grande contingente de guerreiros, estavam dispostos em conjunto e fecharam a linha de batalha. 2. Disseram-lhes que permanecessem em reserva até que, do outro flanco, um pano roxo fosse levantado pelo rei sobre uma lança. Todavia, os ilírios, por ordem de seus oficiais, tentaram forçar os lacedemónios, enquanto os aqueus, conforme lhes fora ordenado, se mantinham em tranquilidade. Euclides, irmão de Cleómenes, ao perceber a brecha aberta na linha dos inimigos, enviou rapidamente os mais ágeis das suas tropas ligeiras, para atacarem os ilírios por trás e dispersá-los, agora que tinham perdido contato com a cavalaria.

3. Feito isso, as tropas ligeiras estavam a impulsionar os ilírios e a combater, quando Filopémen percebendo que não representaria grande esforço atacar as tropas ligeiras, e que a ocasião o requeria, primeiramente destacou isso aos oficiais do rei. Porém, como não conseguia persuadi-los, mas o consideraram um louco (pois a sua reputação ainda não era suficientemente grande para justificar que lhe fosse confiada uma manobra tão importante), ele próprio assumiu o controle da situação, formou os seus concidadãos e investiu contra o inimigo.

4. No princípio, as tropas ligeiras caíram em confusão e depois foram dispersas com grande mortandade. Então, desejando encorajar ainda mais as tropas do rei e levá-las rapidamente contra o inimigo assim desorganizado, desmontou do seu cavalo e, com dificuldade, abriu caminho a pé, na sua armadura de cavaleiro e equipamento muito pesado, em direção a um terreno irregular e cheio de cursos de água e ravinas. Ali, ele ficou com ambas as coxas trespassadas por uma lança com correias. Ainda que não fosse fatal, tratou-se

---

<sup>57</sup> Cf. povo do Epiro.

de um golpe forte, porquanto a ponta saiu do outro lado. 5. Inicialmente, ele ficou preso como que por uma algema, completamente indefeso. Com efeito, o laço da correia tornava difícil retirar a arma através da ferida. Porém, como os que estavam ao seu lado hesitaram tentar isso, e a batalha estava no seu auge, o ardor e a ambição da guerra tornavam-no impaciente para se juntar à refrega. Movendo as pernas para trás e para frente, quebrou o eixo da arma ao meio e depois ordenou que cada fragmento fosse retirado separadamente. 6. Tendo assim ficado livre, empunhou a sua espada e avançou pelas fileiras da frente contra o inimigo, animando muito os combatentes e inspirando-os a emular a sua virtude.

Portanto, após a sua vitória, Antígono testou os macedônios, perguntando por que razão, não tendo ele mandado, colocaram a cavalaria em ação. 7. Eles defenderam-se, dizendo que tinham sido obrigados contra a sua vontade a atacar os inimigos, pois um jovem megalopolitano atacara antes contra eles. Rindo-se, Antígono disse: “Então, esse jovem comportou-se como se fosse um grande general.”

7. 1. A partir disso, Filopémen teve glória, como é natural. Antígono ficou desejoso de tê-lo sob seu comando e ofereceu-lhe autoridade e pagamento. Ele declinou, sobretudo porque sabia que seria naturalmente desconfortável e difícil de aguentar estar sob as ordens de outro.

No entanto, não desejando ficar inativo e ocioso, em busca de treinamento e prática na guerra, navegou para Creta para combater. 2. Aí, praticou durante um longo período entre homens não apenas guerreiros e versados em muitos tipos de guerra, mas também sensatos e moderados no seu modo de vida, e regressou para os aqueus com tal distinção, que

imediatamente o nomearam chefe da sua cavalaria<sup>58</sup>. 3. Contudo, sabendo que os cavaleiros usavam os cavalos mais fracos, adquiridos ao acaso, sempre que entravam numa campanha militar; que eles próprios evitavam muitas lutas, enviando outros no seu lugar; que eram todos caracterizados por uma terrível falta de experiência, juntamente com covardia; e que os seus comandantes permitiram sempre isso porque os cavaleiros tinham o maior poder e influência entre os aqueus e eram a principal voz na atribuição de recompensas e punições, não retirou<sup>59</sup> nem sustentou.

4. Mas, indo às cidades, despertou o espírito de ambição em cada homem de entre os jovens, e punindo os que necessitavam de compulsão, instituiu exercícios, desfiles e competições em lugares onde haveria muitos espetadores. Em pouco tempo, inspirou-os todos, com um vigor e zelo surpreendentes, 5. e o que era mais importante, nas táticas, tornou-os ágeis e rápidos em manobras por esquadrões, e em curvas e voltas por cavaleiros individuais, fazendo com que a destreza demonstrada por toda a massa nas suas evoluções fosse como a de uma única pessoa movida por um impulso interior.

6. Na feroz batalha que travaram no rio Larisso<sup>60</sup>, contra os etólios e os eleatas, Damofanto, comandante dos eleatas, saiu das fileiras e investiu contra Filopémen. Ele, porém, recebeu o ataque daquele, investiu com a lança e derrubou Damofanto. 7. Com o seu líder caído, o inimigo fugiu imediatamente e Filopémen ficou com grande reputação, como alguém que não cedia a nenhum dos jovens, nem a nenhum dos mais velhos

---

<sup>58</sup> 209-208 a.C.

<sup>59</sup> Entenda-se 'Filopémen'.

<sup>60</sup> 209 a.C.

em sagacidade, mas, tanto no combate como no comando, era o mais capaz.

8. 1. A Liga dos Aqueus foi primeiramente elevada à dignidade e poder por Arato, que a consolidou quando era fraca e desarticulada, e instituiu uma forma de governo helénica e humanitária. Então, assim como nas águas, depois de algumas partículas e pequenos corpos terem começado a tomar uma posição fixa, outros rapidamente são arrastados contra os primeiros, entrelaçando-se e aderindo, e formam uma massa fixa e sólida por apoio mútuo, assim os aqueus, 2. numa altura em que a Grécia estava fraca e facilmente dissolvida, levada pelas cidades, inicialmente juntando no círculo as cidades que auxiliaram e libertaram dos seus tiranos, e unindo a si mesmas outras num regime harmonioso, propuseram-se formar o Peloponeso como um corpo e um poder único. 3. No entanto, enquanto Arato viveu<sup>61</sup>, eles dependiam, em grande parte, dos exércitos macedónios, cortejando Ptolemeu, e depois novamente Antígono e Filipe, todos eles ocupados nos assuntos da Grécia.

Mas, na ocasião em que Filopémen foi elevado à liderança entre eles, finalmente foram capazes de lutar com os seus vizinhos mais poderosos<sup>62</sup> e deixaram de depender de protetores estrangeiros. 4. Ora, Arato, que era considerado demasiado lento para contendas bélicas, realizou a maior parte dos seus feitos através de conferências, moderação e amizades régias, como se regista na sua *Vida*<sup>63</sup>. Todavia, Filopémen, que era virtuoso, guerreiro e eficaz com as suas armas, além de revelar-se

---

<sup>61</sup> Arato morre em 213 a.C.

<sup>62</sup> Cf. 207 a. C.

<sup>63</sup> Cf. *Arat.* 10.

sortudo e bem-sucedido logo nas suas primeiras batalhas, aumentou não só o poder, mas também a coragem dos aqueus, que estavam habituados a serem vitoriosos sob o seu comando e a obterem sucesso na maioria dos seus confrontos.

9. No entanto, em primeiro lugar, ele removeu a prática imperfeita dos aqueus na disposição e armamento. Com efeito, usavam escudos facilmente transportados por serem muito leves, mas demasiado estreitos para proteger o corpo; e lanças que eram muito mais curtas do que as lanças<sup>64</sup>. Por esta razão, eram eficazes em combates à distância, pela agilidade, porém, quando se aproximavam dos inimigos, ficavam em desvantagem. 2. Contudo, eles não tinham o hábito de dividir a linha e a formação em coortes, e como empregavam uma falange sólida. sem ter baluarte nem barreira de proteção, como a falange macedónia apresentava, eram facilmente desalojados e dispersadas. Filopémen mostrou-lhes tudo isso e persuadiu-os a adotar um escudo de proteção pesado e arpões, em vez de lança e escudo pequeno, protegendo os seus corpos com elmos, couraças e caneleiras; e a praticarem combates estacionários e firmes, em vez dos movimentos ágeis de tropas levemente armadas.

3. Após persuadir aqueles em idade militar a armarem-se, em primeiro lugar, inspirou-lhes confiança de que assim se tornavam invencíveis, e depois fez excelentes reformas nos seus modos magníficos e extravagantes de viver. De facto, não era possível remover completamente a sua vazia e ociosa emulação de um povo há muito viciado nela. Gostavam de vestir de modo extraordinário, tingindo as poltronas com púrpura e de rivalizar em banquetes e na disposição da mesa. 4. Todavia,

---

<sup>64</sup> Entenda-se 'lanças macedónias' (em grego, *σάρισσα*).

ele começou por desviar a sua atenção do que era desnecessário para o que era útil e honroso, e rapidamente persuadiu e incitou todos a controlarem os seus gastos diários com necessidades corporais e a encontrarem a sua principal ornamentação em equipamentos militares e bélicos. 5. Assim podiam ver-se as oficinas cheias de cálices e pratos tericlianos<sup>65</sup>, que estavam a ser desfeitos, de armaduras a serem douradas, de escudos a serem prateados, e de arreios, enquanto nos estádios estavam a treinar-se potros e os jovens praticavam o uso de armas, e nas mãos das mulheres havia elmos e plumas para tingir, bom como túnicas de cavaleiros e capas de soldados para bordar.

6. Tendo esta visão aumentado a coragem e estimulado o esforço, tornou-os destemidos e prontos para enfrentar perigos. 7. Com efeito, a extravagância mostrada noutros objetos induz à luxúria e implanta a feminização naqueles que os usam, porquanto algo como uma picada e cócegas enfraquece o propósito; mas, quando é visto nos apetrechos de guerra, fortalece e exalta o espírito, conforme Homero<sup>66</sup> representou Aquiles, colocando novas armaduras ao seu lado, como se estimulasse com a vista e estivesse inflamado para começar a trabalhar com elas. Depois de assim ter preparado e adornado os jovens, exercitou-os e treinou-os, e eles obedeceram às suas instruções com entusiasmo e honra. 8. De facto, a ordem de batalha agradava-lhes maravilhosamente, pois parecia assegurar uma formação cerrada que não podia ser quebrada; e as armaduras que usavam tornaram-se leves e manejáveis para eles, pois envergavam-nas ou seguravam-nas com prazer, devido à sua

---

<sup>65</sup> Cf. *Aem.* 23.4.

<sup>66</sup> Cf. *Il.* 19.10-13.

beleza e esplendor, e desejavam rapidamente entrar em ação com elas e travar uma batalha com os seus inimigos.

**10.** 1. Neste momento, os aqueus estavam em guerra com Macânidas, tirano dos lacedemónios, que, confiando nas suas forças numerosas e fortes, pretendia controlar todo o Peloponeso. Por conseguinte, quando chegou a notícia de que invadira Mantineia<sup>67</sup>, Filopémen com rapidez liderou o seu exército contra ele. Organizaram-se em formação de batalha perto da cidade, ambas as partes tendo muitos mercenários, juntamente com quase todas as forças civis. 2. Quando a contenda começou, Macânidas, com os seus mercenários, derrotou os lanceiros e tarantinos, que estavam posicionados à frente da linha dos aqueus, e, em vez de avançar diretamente contra as linhas de batalha, e quebrar a sua formação cerrada, perseguiu os fugitivos<sup>68</sup> e desviou-se da falange dos aqueus, que permanecia em posição. 3. Filopémen, embora um desastre tão grande tivesse ocorrido no início e a sua causa fosse considerada totalmente perdida e arruinada, negligenciou e menosprezou isso, e vendo o grande erro que o inimigo cometeu ao sair em perseguição, quebrando assim a sua falange e deixando um espaço vago, não opôs nem resistiu à sua perseguição aos fugitivos, 4. mas permitiu que passassem e criou uma grande brecha.

Então, avançou diretamente contra os hoplitas dos lacedemónios, ao ver que a sua falange tinha ficado exposta, e investiu sobre eles, atacando pelo flanco, enquanto o seu comandante estava ausente e eles não esperavam lutar, pois pensavam que estavam vitoriosos e a ganhar, uma vez que

---

<sup>67</sup> Batalha de Mantineia, 207 a.C.

<sup>68</sup> 208 a.C. Cf. Plb. 11.

viam Macânidas em perseguição. 5 Depois de ter derrotado estes com muita mortandade (com efeito, dizem que acima de quatro mil morreram), movimentou-se contra Macânidas, que estava a regressar com os seus mercenários da perseguição. Porém, um fosso largo e profundo estendia-se entre eles, ao longo do qual os dois líderes cavalgavam um à frente do outro – um, desejando atravessar e escapar, o outro, para evitar isso. 6. O cenário não era o de dois comandantes a lutar, mas o de um poderoso caçador a atacar uma fera selvagem que foi forçada a virar-se de frente, e Filopémen era o caçador. Agora, o cavalo do tirano, que era vigoroso e de espírito elevado e sentia os esporões ensanguentados nos seus flancos, tentava fazer o salto e, ao bater contra a borda do fosso com o peito, debatia-se com as patas da frente para libertar-se.

7. Nisto, Símiás e Polieno, que estavam sempre ao lado de Filopémen na luta e o protegiam com os seus escudos, aproximaram-se ambos e apontaram as suas lanças para o cavalo. Mas Filopémen estava à frente deles no ataque a Macânidas, e, vendo que o cavalo dele<sup>69</sup> levantou a cabeça frente ao seu corpo, deu um pequeno desvio ao seu próprio cavalo para um lado e depois, segurando firmemente a sua lança, empurrou-a com todo o seu peso e derrubou o inimigo. 8. Detém essa postura numa estátua de bronze erigida em Delfos pelos aqueus, que admiravam sobretudo o seu ato de proeza, assim como a sua apetência militar naquele dia.

**11. 1.** Diz-se que, na celebração dos Jogos Nemeus<sup>70</sup>, quando Filopémen era, pela segunda vez, general e tinha

---

<sup>69</sup> Macânidas

<sup>70</sup> Verão de 205 a.C.

recentemente vencido a guerra na Mantineia<sup>71</sup>, mas estava de lazer, devido ao festival, em primeiro lugar, mostrou aos gregos reunidos a sua falange, com a sua esplêndida formação, realizando as suas evoluções táticas, como era costume, com velocidade e vigor. 2. Depois, enquanto os citaristas competiam pelo prémio, entrou no teatro com os seus jovens em capas militares e túnicas púrpuras. Estavam todos no auge da sua força, eram da mesma idade, e mostravam não só grande respeito pelo seu comandante, mas também aquele espírito elevado que os jovens têm depois de muitos confrontos honrosos. E assim que eles entraram, por acaso o citarista Pílates cantava o início de *Persas* de Timóteo<sup>72</sup>: «Gloriosa é a coroa de liberdade que ele forja para a Hélade». 3. Na mesma ocasião, a sua esplêndida voz sustentava a majestade da obra, todos os espectadores viraram os olhos para Filopémen e aplaudiram-no alegremente, com esperança de os gregos estarem a recuperar a antiga reputação, e, com coragem, a ficar muito próximo do seu espírito.

12. 1. Porém, quando se tratava de perigos e batalhas, assim como os cavalos jovens potros desejam os cavaleiros habituais, e, se levam outros nos seus dorsos, se assustam e estranham, assim o exército dos aqueus, desesperada ao ser comandada por outro<sup>73</sup>, procura com o olhar por aquele, e se ele apenas surgisse à vista, ficava imediatamente alerta e eficiente, devido à coragem que inspirava. Pois percebiam que ele era o único general que os seus inimigos não conseguiam

<sup>71</sup> Primavera de 206 a.C.

<sup>72</sup> Fr. 6a Diehl. Poeta ditirâmico de Mileto, séc. IV a.C.

<sup>73</sup> Entenda-se 'que não Filopémen'. Na realidade, o comando da Liga dos Aqueus não poderia ser exercido mais de uma vez consecutiva.

enfrentar, e cujo nome e fama temiam, como era evidente pelo que faziam. 2. De facto, Filipe, rei dos macedónios, julgando que se Filopémen fosse eliminado, os aqueus submeter-se-iam de novo ao seu domínio, enviou para Argos, em segredo, assassinos. Todavia, o plano tornou-se conhecido, ele foi odiado e completamente condenado entre os gregos.

3. Os beócios sitiavam Mégara, e tendo esperança de capturá-la rapidamente, quando de repente chegou aos seus ouvidos um boato que não era verdadeiro de que Filopémen vinha em auxílio dos sitiados e estava próximo, então abandonaram as suas escadas de assalto, que já estavam colocadas contra os muros, e fugiram. 4. Quando Nábis, que sucedeu a Macânidas como tirano dos lacedemónios, tomou subitamente Messene<sup>74</sup>, Filopémen estava fora do cargo e não era comandante de nenhuma força. Mas, uma vez que Lisipo, comandante dos aqueus, não conseguiu ser persuadido a auxiliar os messénios, porque, como ele disse, a cidade estava completamente destruída, encontrando-se os inimigos no seu interior, ele<sup>75</sup> auxiliou-os, empregando os cidadãos, que não esperaram por nenhuma assembleia nem por eleições, mas seguiram o homem que a natureza tornara superior como se estivesse sempre no comando. 5. Quando Nábis ouviu que ele já estava próximo, não aguardou, embora estivesse acampado na cidade, mas escapou por uns portões opostos e retirou as suas forças o mais rápido que pôde, pensando que seria afortunado se conseguisse escapar. E escapou, e Messene foi libertada.

---

<sup>74</sup> Cf. 201 a.C.

<sup>75</sup> Filopémen.

**13. 1.** Ora, essas foram as coisas belas de Filopémen.

Mas a sua partida para Creta novamente, a pedido dos gortínios<sup>76</sup>, que o queriam como seu general na sua guerra, trouxe calúnia sobre ele, e dizia-se que quando a sua pátria estava em guerra com Nábis, ele estava ausente, fosse para evitar lutar ou para mostrar bondade fora de época para com outros. Os megapolitanos estavam continuamente sob ataque hostil todo esse tempo que viveram sobre as suas muralhas e plantaram o seu grão nas ruas, já que os seus campos estavam devastados e o inimigo estava acampado quase às suas portas. 2. Nessa ocasião, ele estava a lutar juntamente com os cretenses e a servir como general além-mar, e assim proporcionou aos seus inimigos a oportunidade de acusá-lo de fugir da guerra em casa. Contudo, havia alguns que diziam que, uma vez que os aqueus escolhiam outros homens como seus generais e Filopémen estava sem cargo público, ele apenas colocou o seu tempo livre ao serviço dos gortínios, quando lhe solicitaram.

3. Com efeito, ele era avesso ao ócio e desejava manter a sua habilidade como comandante na guerra, como qualquer outro bem, sempre em uso e exercício. Deixou isso evidente pelo que, numa ocasião, afirmou sobre o rei Ptolemeu. Quando certas pessoas estavam a elogiar esse monarca porque ele treinava cuidadosamente o seu exército dia após dia e exercitava o corpo em armas cuidadosa e laboriosamente, referiu: “E quem pode admirar um rei da sua idade por sempre praticar, mas sem nunca fazer nada?” 3. Os megapolitanos, no entanto, ficaram descontentes com esta ausência, considerando-a uma traição, e votaram-no ao exílio. Mas os aqueus impediram, enviando à cidade de Mégale o comandante Aristeno, o qual, embora

---

<sup>76</sup> Naturais da cidade cretense de Gortínia.

politicamente em desacordo com Filopémen, não permitiria a execução da sentença. 5. Em consequência disso, Filopémen foi ignorado pelos seus concidadãos e, portanto, induziu muitas das povoações periféricas a separarem-se deles, instruindo-as a dizer que não eram tributárias da cidade e que não tinham pertencido originalmente a ela. Quando alegaram isso, ele apoiou abertamente a sua argumentação e ajudou-os a levantar uma facção contra a cidade na assembleia dos aqueus. No entanto, isso ocorreu mais tarde. 6. Em Creta, lutou ao serviço dos gortínios, não a guerra direta e honrosa de um homem peloponésio e arcadiano, mas uma em que adotou as práticas cretenses e, orientando os truques, estratagemas e emboscadas deles contra si próprios, mostrou-lhes rapidamente que eram como crianças, a oporem tolices e vaidades à verdadeira experiência militar.

14. 1. Depois de assim conquistar admiração e regressar ao Peloponeso com uma fama brilhante pelos feitos realizados em Creta, soube que Filipe havia sido derrotado e subjugado por Tito<sup>77</sup>. e que Nábis estava em guerra contra aqueus e romanos. Foi imediatamente escolhido como general contra Nábis e, ao arriscar o desfecho numa batalha naval, parecia ter obtido um resultado semelhante ao de Epaminondas, uma vez que lutou no mar de uma forma que ficou muito aquém da sua virtude e glória. 2. Porém, alguns dizem que Epaminondas hesitava em dar aos seus concidadãos o gosto das vantagens decorrentes da superioridade naval, para que não o surpreendessem ao tornarem-se, em vez de hoplitas

---

<sup>77</sup> Tito Flaminino. Batalha de Cinoscéfalas, em 197 a.C.; cf. *Flam.* 13.

firmes, como denota Platão<sup>78</sup>, marinheiros e corruptos. Por isso, voltou propositadamente da Ásia e das ilhas<sup>79</sup>, sem alcançar nada. 3. Por outro lado, Filopémen estava convencido de que a sua habilidade em comandar forças terrestres seria suficiente para garantir sucesso também em combate no mar e, portanto, aprendeu às suas custas o quanto grande parte da excelência consiste na prática e quanto poder adicional ela dá àqueles que se habituaram a todos os métodos de combate. Pois, não só foi derrotado na batalha naval, devido à sua falta de experiência, como também lançou ao mar um navio antigo, mas famoso após quarenta anos sem serventia, com o resultado de que não conteve a entrada de água e a tripulação ficou em risco. 4. Entendendo que, em consequência disso, os inimigos o desdenhavam, pensando que ele havia abandonado completamente a atividade no mar, e que estavam a sitiá-lo arrogantemente Gítio<sup>80</sup>, ele prontamente navegou contra eles quando não esperavam e estavam descuidados por causa da vitória. Desembarcou os seus soldados durante a noite e conduziu-os ao ataque, incendiou as tendas do inimigo, destruiu o seu acampamento e matou muitos. 5. Poucos dias depois, enquanto marchava por um terreno acidentado, Nábis surpreendeu-o subitamente, atemorizado os aqueus, sem esperança de uma posição que era difícil e já estava comandada pelo inimigo. Mas ele<sup>81</sup> esperou um pouco, examinou a natureza do terreno e depois demonstrou que a habilidade em dispor um exército é o elemento culminante na arte da guerra. Pois, ao mudar um pouco a sua ordem de

---

<sup>78</sup> Pl. *Leg.* 4.706b. Cf. *Them.* 4.3.

<sup>79</sup> Em 364 a.C., Epaminondas cria uma política naval em Tebas ao nível da de Atenas.

<sup>80</sup> Porto lacedemónio.

<sup>81</sup> Filopémen.

batalha e adaptá-la à urgência do momento, sem confusão e sem problemas, evitou a dificuldade e, carregando sobre o inimigo, causou grande mudança. 6. Contudo, observando que não estavam a fugir em direção à cidade, mas a dispersar-se por toda a região (que era arborizada, completamente cercada por montanhas e impraticável para a cavalaria, devido a cursos de água e ravinas), ele interrompeu a perseguição e acampou enquanto ainda havia luz. Mas, julgando que o inimigo, após a sua fuga, se infiltraria de volta na cidade aos poucos, sob a cobertura da noite, colocou um grande número de aqueus armados com espadas emboscados entre os cursos de água e as colinas em torno da cidade. 7. Aí matou muitos dos seguidores de Nábis. É que, em virtude de não se terem retirado em conjunto, mas as fugas os dispunham individualmente, caíram nas mãos dos seus inimigos e foram capturados como pássaros eram tomados em redor junto à cidade.

**15.** 1. Em consequência deste feito, era amado e extraordinariamente reverenciado pelos gregos nos seus teatros, o que causava um secreto desagrado a Tito, que era ambicioso. Pois, como cônsul dos romanos, considerava-se mais digno da admiração dos aqueus do que um homem da Arcádia, e achava que as suas beneficências excediam em muito as daquele<sup>82</sup>, uma vez que, por meio de uma única proclamação, libertara todas as partes da Grécia que estavam sujeitas a Filipe e aos macedónios<sup>83</sup>. 2. Após isso, Tito pôs termo à guerra com Nábis<sup>84</sup>, e Nábis foi traiçoeiramente morto pelos etólios<sup>85</sup>. Esparta estava,

---

<sup>82</sup> Filopémen.

<sup>83</sup> Cf. *Flam.* 10.

<sup>84</sup> Cf. *Flam.* 9.5.

<sup>85</sup> Em 192 a.C., Nábis pede auxílio aos etólios para auxiliá-lo contra os romanos (cf. Liv. 35.35-37).

portanto, num estado de confusão, e Filopémen, aproveitando a oportunidade atacou, lançou-se sobre a cidade com uma força armada e, em parte por compulsão, em parte por persuasão, trouxe-a para os seus propósitos e levou-a para os aqueus. 3. Este feito trouxe-lhe uma reputação incrível entre os aqueus, pois através dos seus esforços tinham adquirido uma cidade de tamanha honra e poder (de facto, não era coisa pouca Esparta ter-se tornado membro da Liga dos Aqueus), além disso, levou consigo os principais homens entre os Espartanos, que esperavam ter nele um guardião das suas liberdades. 4. Por conseguinte, depois de terem confiscado a casa e a propriedade de Nábis e obtido com isso cento e vinte talentos, votaram para oferecer-lhe um presente e enviar uma embaixada<sup>86</sup> a respeito disso. Aqui, de facto, tornou-se perfeitamente claro que aquele homem<sup>87</sup> não apenas parecia, mas era na realidade virtuoso<sup>88</sup>. Em primeiro lugar, nenhum espartano estava disposto a conferenciar com um homem da sua estirpe sobre a aceitação de um presente, mas todos estavam tão relutantes e com medo de fazê-lo, que confiaram e assunto a um convidado dele, Timolau. 5. E depois, o próprio Timolau, quando foi à cidade de Mégale, após ter sido hospedado na casa de Filopémen e ter aprendido completamente como ele era digno na sua conversação com os outros, quão simples era o seu modo de vida, e como o seu carácter não podia ser abordado e muito menos vencido por subornos, nada mencionou sobre o presente de dinheiro e, após dar alguma outra desculpa para a sua ida até ele, regressou a casa. E quando foi enviado uma segunda vez com o mesmo propósito, agiu como antes. 6. Contudo,

---

<sup>86</sup> À cidade de Mégale.

<sup>87</sup> Filopémen.

<sup>88</sup> Cf. *Arist.* 3.4.

na terceira viagem, finalmente informou do desejo sincero da sua cidade. Então, Filopémen, que ficou satisfeito com o que ouviu, foi pessoalmente à Lacedemónia e aconselhou-os a não tentarem subornar os seus amigos e homens virtuosos, pelos quais podiam beneficiar-se sem pagamento de dinheiro, mas antes a comprar e corromper os patifes que estavam a arruinar a cidade com a sua conduta facciosa na assembleia, para que assim tivessem as suas bocas fechadas em consequência da sua venalidade, e assim fossem menos perturbadores para os seus concidadãos. Com efeito, era melhor retirar a liberdade de expressão<sup>89</sup> dos inimigos do que dos amigos. Assim era a sua clareza no tocante a dinheiros.

**16.** 1. Depois, Diófanés, o comandante da Liga dos Aqueus, ao ouvir que os lacedemónios estavam novamente a fazer mudanças, decidiu puni-los, e eles, determinados à guerra, lançavam o Peloponeso na confusão. 2. Filopémen tentou aplacar Diófanés e pôr fim à sua ira, mostrando-lhe o que a ocasião demandava e que, uma vez que o Rei Antíoco e os romanos estavam a rondar pela Grécia com grandes legiões, era dever do general da Liga prestar atenção neles, não provocar problemas domésticos, mas até mesmo ser indiferente e fingir não ouvir algumas transgressões. No entanto, Diófanés não seguiu esse conselho, mas invadiu a Lacónia juntamente com Tito e marchou diretamente sobre a cidade<sup>90</sup>. Indignado com isso, Filopémen arriscou um ato que não era legítimo, nem mesmo exatamente justo, mas grandioso e impelido por um grande espírito – foi para a Lacedemónia; excluiu quer o comandante

---

<sup>89</sup> Em grego, *parrhesia*.

<sup>90</sup> Esparta.

da Liga dos Aqueus<sup>91</sup>, quer a mais alta individualidade<sup>92</sup> dos romanos; pôs cobro aos distúrbios na cidade; e trouxe os lacedemónios novamente para a Liga, conforme estavam no início. 3. Num momento posterior, no entanto, quando tinha algum fundamento para acusar os lacedemónios, Filopémen, como general, trouxe de volta os seus exilados para a cidade e, segundo Políbio<sup>93</sup>, matou oitenta espartanos, ou, conforme Aristócrates<sup>94</sup>, trezentos e cinquenta. 4. Também derrubou as muralhas e, cortando uma grande parte do seu território, anexou-a aos megapolitanos; além disso, no caso daqueles que haviam sido feitos cidadãos de Esparta pelos tiranos, retirou-os todos para Acaia, com exceção de três mil que, não lhe obedeceram e não estavam dispostos a sair da Lacedemónia. Estes, ele vendeu como escravos e, a título insultuoso, erigiu um pórtico na cidade de Mégale, com o dinheiro que eles representaram.

5. Tendo saciado a sua raiva contra os lacedemónios e espezinhando-os sobre o feito merecido, tratou a constituição deles da maneira mais cruel e ilegal. De facto, removeu e aboliu o sistema de educação que Licurgo<sup>95</sup> havia instituído, e compeliu as suas crianças e os efebos a mudarem para a instrução aqueia em vez da pátria, uma vez que estava convencido de que, enquanto estivessem sob as leis de Licurgo, nunca seriam humildes. 6. Então, devido às suas grandes calamidades, permitiram que Filopémen cortasse, por assim dizer, os nervos de sua cidade, e tornaram-se dóceis e submissos.

---

<sup>91</sup> Filopémen, em 188 a.C., comandante pela 6.<sup>a</sup> vez.

<sup>92</sup> Cônsul.

<sup>93</sup> Pol. 21. 32-3. Cf. informação similar hoje inexistente, Liv. 38.33.

<sup>94</sup> *FGH* 4.333.

<sup>95</sup> 188 a. C.

Mas, um pouco depois<sup>96</sup>, após terem obtido permissão dos romanos, eles abandonaram a política aqueia, retomaram e restabeleceram aquilo que tinha sido transmitido pelos seus pais, até onde era possível, após as suas muitas desventuras e tamanha destruição.

17. 1. Quando os romanos foram à guerra com Antíoco na Hélade<sup>97</sup>, Filopémen era civil e, ao ver que Antíoco estava a levar uma vida sedentária em Cálcis<sup>98</sup> e a passar o seu tempo com o casamento e amores de mulheres que não eram adequados à sua idade<sup>99</sup>, enquanto os Sírios, em grande desordem e sem líderes, vagueavam pelas cidades e viviam suntuosamente, estava angustiado por não ser o general dos aqueus naquele momento, e continuava a dizer que invejava os romanos pela vitória<sup>100</sup>. “Com efeito, se eu fosse o general – dizia – tê-los-ia cortado todos nas tabernas.” 2. Todavia, os romanos, após terem vencido Antíoco, dedicaram-se mais de perto aos assuntos helénicos e cercaram a Liga dos Aqueus, com o seu poder. Já que os líderes gradualmente se inclinaram para o seu apoio, a sua força, com o poder do destino, cresceu em todas as direções; e a consumação estava próxima de alcançar a Fortuna que deve encontrar-se determinada, inclinado sobre a onda, é obrigado a ceder e a render-se às circunstâncias, mas, na maioria dos casos, prosseguiu a luta e tentou atrair para o apoio da liberdade os que falavam e faziam. 3. Aristeno

---

<sup>96</sup> 184 a.C.; cf. Liv. 39.34.

<sup>97</sup> 191 a.C.; cf. *Flam.* 15.

<sup>98</sup> Cálcida, cidade de Eubeia.

<sup>99</sup> Cf. *Flam.* 16.1. Antíoco desposou a filha de Cleoptólomo. Plutarco prossegue com o impacto político desse enlace. Vd. Plb. 20.0; App. *Syr.* 16. Cf. Liv. 36.11.

<sup>100</sup> Vitória romana sobre a Macedónia, em Pidna, 168 a.C. (Plb. 3.1.9-10).

Megapolitano<sup>101</sup> tinha grande poder entre os aqueus, mas realizou sempre serviço para os romanos e considerava que os aqueus não deveriam opor-se nem mostrar ingratidão para com aqueles. Diz-se que uma vez, na assembleia, Filopémen o ouviu em silenciosa indignação por algum tempo, todavia, por fim, vencido pela raiva, disse a Aristenes: “Ó homem, porque desejas contemplar o destino da Hélade?<sup>102</sup>”. 4. Mânio, cônsul dos romanos, após a vitória sobre Antíoco, pediu aos aqueus que permitissem que os fugitivos lacedemônios regressassem. Tito juntou-se a Mânio a propósito do pedido acerca dos fugitivos. Filopémen, por seu turno, opôs-se com sucesso à solicitação, não por hostilidade aos exilados, mas porque desejava que eles devessem esse favor a si próprio e aos aqueus, e não a Tito nem aos romanos. Como general no ano seguinte, restaurou os exilados à sua cidade. Tal foi o grau em que o seu espírito guerreiro o levou a lutar e a contender contra o poder.

**18.** 1. Porém, agora com setenta anos, e pela oitava vez general dos aqueus<sup>103</sup>, ele esperava não apenas passar esse mandato sem guerra, mas também que os assuntos lhe permitissem passar o resto da sua vida com tranquilidade. Pois, assim como as nossas doenças parecem perder a sua virulência à medida que a força dos nossos corpos declina, assim também, entre as cidades helénicas, o espírito de contenda desvanecia logo que o seu poder diminuía. 2. No entanto, uma Némesis<sup>104</sup>, como um atleta corredor, derrubou-o no final da sua vida. Com efeito, conta-se que, numa assembleia, quando outros presentes

---

<sup>101</sup> Cf. *Philop.* 13.

<sup>102</sup> Termópilas, 191 a.C. Cf. *Flam.* 15.

<sup>103</sup> 183 a. C. – 182 a. C.

<sup>104</sup> Divindade vingativa.

estavam a aplaudir um indivíduo que era reputado como um general formidável, Filopémen disse, com desprezo: “Então por que razão deve ser feito algum relato deste homem, que foi capturado vivo pelos seus inimigos?”. 3. Poucos dias depois, o messénio Dinócrates, um homem que tinha uma disputa privada com Filopémen<sup>105</sup> e que era detestado por todos devido à sua baixaza e vida desregrada, induziu Messene a retirar-se da Liga dos Aqueus e foi relatado que estava prestes a tomar a povoação chamada Colonis<sup>106</sup>.

Filopémen estava então em Argos febril, mas, ao saber disto, apressou-se a chegar à cidade de Mégale, num único dia, uma viagem de mais de quatrocentos estádios. 4. De lá, partiu imediatamente para o resgate, levando consigo os cavaleiros. Estes eram os homens mais proeminentes da cidade, porém todos bastante jovens, e serviam como voluntários, por boa vontade e admiração por Filopémen. 5. Tendo cavalgado em direção a Messene, encontraram Dinócrates, que também os procurava, junto ao cume da colina de Evandro. Eles puseram-no em fuga; mas os quinhentos homens que guardavam a região de Messene atacaram-nos subitamente e, quando os que antes tinham sido derrotados viram isto, reuniram-se ao longo das colinas. Filopémen, temendo ser envolvido e tentando poupar os seus cavaleiros, retirou-se por terreno difícil, protegendo ele próprio a retaguarda e frequentemente investindo contra o inimigo, tentando atrair os seus ataques para si mesmo. No entanto, não ousaram retaliar os seus ataques, mas apenas gritavam e ameaçavam os seus flancos. 6. Assim, retirando-se frequentemente da linha para poupar

---

<sup>105</sup> Cf. *Flam.* 17.3.

<sup>106</sup> Liv. 39.49.1 refere Corona, localidade próxima de Colonis, na região da Arcádia (Peloponeso); cf. Plb. 4.34.

os seus jovens, e enviando-os um por um para a segurança, sem se aperceber, ficou sozinho entre numerosos inimigos. Mesmo assim, ninguém se atreveu a entrar em combate direto com ele, mas foi atingido por projéteis à distância e forçado a atravessar lugares pedregosos e à beira de precipícios, que dificultava o domínio do seu cavalo e o levava a esporá-lo. 7. A sua proecta idade, em virtude do seu vasto exercício, era leve e em nada impediu a sua fuga, contudo, naquele momento, o seu corpo estava enfraquecido pela doença e desgastado por uma longa viagem, de modo que se encontrava estava pesado e rígido, e por fim o seu cavalo tropeçou e atirou-o ao chão. A sua queda foi pesada, a sua cabeça ficou ferida, e ele permaneceu por muito tempo sem falar, de modo que os seus inimigos pensaram que ele estava morto, tentaram virar o corpo e despojá-lo da armadura. 8. Mas quando levantou a cabeça e abriu os olhos, lançaram-se em massa sobre ele, amarraram-lhe as mãos atrás das costas e levaram-no embora, tratando com grande insolência e desrespeito um homem que nunca poderia ter sequer sonhado que sofreria tal destino pelas mãos de Dinócrates<sup>107</sup>.

**19.** 1. O povo na cidade<sup>108</sup>, maravilhosamente excitado, reuniu-se em multidão, junto aos portões. Mas quando viram Filopémen arrastado de uma maneira indigna da sua fama e das suas antigas proezas e troféus, a maior parte deles foi tomada de piedade e partilhou do sofrimento dele, de modo que choraram e falaram com amargura da inconstância e vaidade da grandeza humana. 2. E assim, pouco a pouco, muitos foram levados a dizer humanamente que deveriam lembrar-se

---

<sup>107</sup> 183 a.C.

<sup>108</sup> Entenda-se 'de Messene'.

dos seus antigos benefícios, e especialmente de como ele lhes tinha devolvido a liberdade, ao expulsar o tirano Nábis. Todavia, houve alguns que, para agradar a Dinócrates, instaram que se torturasse e se matasse o homem como um inimigo severo e implacável, e mais do que nunca a ser temido pelo próprio Dinócrates, no caso de escapar, depois de ter sido capturado e humilhado por ele. 3. No entanto, levaram-no para o chamado *Thesaurus*<sup>109</sup>, uma câmara subterrânea que não admitia ar nem luz do exterior, nem tinha porta, e, após arrastarem a pedra, colocaram uma guarda de homens armados ao redor.

4. Os cavaleiros dos aqueus, recompostos após a sua fuga, e quando Filopêmen não estava em parte nenhuma, pensando-se que estava morto, ficaram durante muito tempo a chamar o homem e a repreenderem-se uns aos outros por terem obtido uma segurança ilegal e vergonhosa ao abandonar ao inimigo o seu general, que tinha sido pródigo da sua vida por causa deles. 5. De seguida, avançaram em corpo, souberam da sua captura e transmitiram a notícia às cidades dos aqueus. Contudo, tendo sentido que haviam sofrido uma grande calamidade, eles decidiram enviar uma embaixada para exigir o homem aos messênios, enquanto eles próprios preparavam uma expedição contra a cidade.

**20.** 1. Então, eles efetuaram isso. Mas Dinócrates, que temia que o atraso fosse a única coisa mais provável para salvar Filopêmen, e desejava antecipar-se aos esforços dos aqueus, quando a noite caiu e a multidão de Messene se dispersou, abriu a prisão e enviou um funcionário público com veneno, ordenando-lhe que lho desse e que permanecesse ao seu lado, até que ele o bebesse. 2. Ora, ele estava deitado, envolto no

---

<sup>109</sup> Em grego, *thesaurus* ('armazém').

seu manto de soldado, não a dormir, mas com pesar e sobre-carregado de problemas. Todavia, quando viu uma luz e um homem de pé ao seu lado, a segurar a taça de veneno, sentou-se, aproximando-se o máximo que a sua fraqueza permitia. Então, pegando a taça, perguntou ao homem se ele tinha ouvido alguma coisa sobre os cavaleiros e, em particular, acerca de Licortas. 3. E ao ser informado que a maioria deles tinha escapado, ele assentiu com a cabeça e, com um olhar bondoso para o homem, disse: “Isso são boas notícias, se não perdemos totalmente.” Sem mais palavras e nem mesmo um suspiro, esvaziou o copo e deitou-se novamente não dando muito trabalho ao veneno, mas expirando rapidamente, em virtude da sua fraqueza.

**21.** 1. Portanto, quando a notícia da sua morte chegou aos aqueus, as cidades encheram-se de desânimo e tristeza geral, e os homens em idade militar, juntamente com os representantes<sup>110</sup>, reuniram-se na cidade de Mégale. Sem demora, procederam à vingança. Escolheram Licortas como general, invadiram a Messénia e devastaram a região, até que eles concordaram receber os aqueus. 2. O próprio Dinócrates antecipou a sua vingança ao suicidar-se, mas todos os outros que votaram pela morte de Filopémen, foram mortos, e quanto aos que queriam que ele fosse torturado<sup>111</sup>, também esse Licortas capturou e deteve para uma morte mais dolorosa<sup>112</sup>. Então, queimaram o corpo dele<sup>113</sup> e recolheram as suas cinzas numa urna e partiram para casa, não em desordem ou promiscuidade, mas com uma mistura de procissão triunfal e

---

<sup>110</sup> Em grego, *probouloi*.

<sup>111</sup> Em grego, *basanizo* ('torturar por apedrejamento').

<sup>112</sup> Vd. Liv. 39.50.9.

<sup>113</sup> Filopémen.

ritos fúnebres. 3. De facto, as suas cabeças estavam coroadas de grinaldas enquanto os seus olhos se encontravam cheios de lágrimas, e conduziam os seus inimigos amarrados. A própria urna, quase escondida da vista por uma multidão de fitas e grinaldas, era transportada por Políbio, filho do general dos aqueus e, em torno dele estavam os homens mais importantes dos aqueus. Os soldados seguiram atrás, completamente armados e com os seus cavalos decorados. Não estavam nem desanimados pela grande aflição, nem exultantes pela vitória. 4. Além disso, as pessoas das cidades e de todas as povoações ao longo do caminho vieram ao seu encontro, como se estivessem a recebê-lo no regresso de uma expedição; seguiam a urna e acompanharam-na até à cidade de Mégale. E assim, quando se misturaram com eles os mais velhos, mulheres e crianças, uma lamentação espalhou-se imediatamente por todo o exército e pela cidade, que ansiava a presença do homem e estava profundamente entristecida com a sua morte, sentindo que com ele tinha perdido a sua supremacia entre os aqueus.

5. Assim, ele foi sepultado com as honras devidas, e, no seu túmulo, os messénios cativos foram apedrejados até à morte. Muitas estátuas dele foram erguidas e as cidades decretaram grandes honras. Um homem romano, nos dias desastrosos da Hélade após a queda de Corinto<sup>114</sup>, tentou destruí-las todas e atacou a memória dele, acusando-o, como se ainda estivesse vivo, de ter sido um inimigo malévolo dos romanos. 6. Depois de a medida ter sido discutida e Políbio ter falado em oposição ao detrator, nem Mómio nem os representantes<sup>115</sup> quiseram consentir que as honras prestadas a um homem ilustre fossem

---

<sup>114</sup> 146 a. C.

<sup>115</sup> Conjunto de dez embaixadores destacado pelo senado romano.

apagadas, embora ele tivesse feito alguma oposição a Tito e Mânio, mas aqueles distinguiam, ao que parecia, entre virtude e necessidade, entre honra e vantagem. Eles consideraram corretamente e de forma adequada que os benfeitores devem sempre receber recompensa e gratidão daqueles que beneficiam, e os bons homens honra dos bons.

Tudo isso a respeito de Filopémen.

(Página deixada propositadamente em branco)

## INTRODUÇÃO – VIDA DE TITO FLAMININO

Embora a atividade política e também militar de Flaminino<sup>116</sup> tenha sido intensa, Plutarco procura, sobretudo, explorar as suas características morais e éticas. Ao longo da narrativa da sua vida, pelos muitos desafios que enfrentou, percebe o leitor que o *ethos* de Flaminino se foi modelando e adaptando às circunstâncias. Contemporâneo de Filopêmen, a biografia de Flaminino é um bom exemplo da presença helénica nas biografias romanas de Plutarco. Para esta biografia, recorreu o Queronense à historiografia latina, nomeadamente a Tito Lívio e ao tratado *Da velhice* de Cícero (*Flam.* 18.10).

Tito Quíncio Flaminino viveu entre 228 e 174 a. C. A sua biografia é um bom exemplo da forma como Plutarco consegue conciliar as duas culturas, a grega e a romana. À semelhança da biografia de Marcelo, que considera ter sido o primeiro Romano a manifestar admiração e interesse pela cultura helénica, Plutarco torna Flaminino o expoente máximo do filo-helenismo romano.

No construção biográfica, compara-se, sobretudo, povo com povo, virtudes com virtudes, vícios com vícios<sup>117</sup>, não se recorrendo sempre à mesma metodologia. Nos pares

---

<sup>116</sup> Recomendo o estudo de Brisson 2018 para um visão global do papel de Flaminino na sua época; para uma síntese da vida de Flaminino, *vide* o estudo de Balsdon 1967.

<sup>117</sup> No tratado *Mul. uirt.* isso é evidente, quando não estabelece a comparação com base numa virtude feminina e numa virtude masculina, mas prefere integrar mulheres e homens numa sociedade com *aretai* e *kakiai*.

*Teseu-Rómulo*, *Pelopidas-Marcelo* ou *Sertório-Êumenes*, por exemplo, o polígrafo de Queroneia está mais preocupado em identificar as semelhanças, apontando apenas diferenças circunstanciais<sup>118</sup>, enquanto no par *Filopémen-Flaminino*, tal como em *Coriolano-Alcibiades* e *Aristides-Catão Censor*, as diferenças são mais valorizadas, ainda que, por vezes, seja difícil discerni-las<sup>119</sup>.

Sobre a *paideia* e os primeiros anos de vida de Flaminino nada é referido na biografia.<sup>120</sup> Apenas que o contexto em que cresceu favoreceu a sua inclinação para a prática militar. O próprio Pirro, ao ver o alinhamento do exército liderado por Flaminino, demonstra a sua admiração<sup>121</sup>. A partir da sua ação em Tarento, onde terá melhorado os seus conhecimentos de língua grega, Flaminino terá uma intervenção decisiva em vários momentos, em particular na Batalha das Cinoscéfalas contra o exército de Filipe V da Macedónia, omitindo o papel de outros nessa vitória, como Tito Lívio refere na sua narrativa histórica. Como saiu vencedor dessa contenda, Flaminino declarou, nos Jogos Ístmicos de 196 a.C., a liberdade dos gregos (coríntios e outras sete cidades)<sup>122</sup>.

Uma das estratégias que Plutarco usa para valorizar a figura de Flaminino é transmitir a ideia de que, por causa da sua ação, as cidades gregas passaram a conviverem em clima de amizade com os romanos, uma ideia exagerada que

<sup>118</sup> Em *Comp. Aem.-Tim.* 1.1., que pertence a este grupo de *synkrisis*, afirma: δῆλον ὡς οὐκ ἔχει πολλὰς διαφορὰς οὐδ' ἀνομοιότητας ἢ σύγκριστις (Parece evidente que esta *synkrisis* não tem muitas diferenças nem dissemelhanças).

<sup>119</sup> Cf. *Comp. Philop.-Flam.* 3.5; quanto à rivalidade entre os dois, vide Raeymaekers 1996.

<sup>120</sup> Sobre a *paideia* neste par biográfico, vide Pinheiro 2013: 210-227.

<sup>121</sup> Cf. *Flam.* 5.6.

<sup>122</sup> Sobre a liberdade da Grécia, neste momento, vide Walsh 1996.

a historiografia não confirma. Apesar disso, Plutarco define Flaminino como alguém que era pouco estável, com um *ethos* que não conseguia controlar, em vários momentos, a cólera (*orge*)<sup>123</sup>, ainda que, na fase inicial da biografia, a sua moderação seja digna de elogio.<sup>124</sup> Não era, por natureza, cruel, mas revelou uma carácter imprudente em várias ações.<sup>125</sup> No entanto, a marca mais revelante do seu *ethos* era, sem dúvida, a ambição (*philotimia*), que, por um lado, o impulsionou para uma marcante carreira política e, por outro, suscitou a repulsa de muitos romanos. Essa reação negativa aumentou quando o responsabilizaram pela morte de Aníbal, uma personagem que, aliás, domina a parte final da biografia de Flaminino.

Embora fosse considerado um bárbaro para os macedónios, Plutarco procura desfazer essa imagem: por um lado, tem conhecimentos militares que merecem a admiração dos gregos, e, por outro, conhecia a língua grega, uma competência que o deve ter ajudado na relação com as lideranças locais.<sup>126</sup> Mais do que pela sua capacidade de liderança, Flaminino é elogiado por ser um homem justo, qualidade que estava acima da inteligência e coragem. Plutarco realça que não basta vencer os inimigos, mas alcançar benefício duradouro para os povos.<sup>127</sup> É precisamente Flaminino, um estrangeiro, que ajuda a salvar a Grécia da tirania, um passo importante para se criarem

---

<sup>123</sup> De algum modo, o carácter de Filopémen também tem esses traços. Por isso, Maquiavel realçou o seu gosto pela disputa: “A Filopémen, príncipe dos aqueus, entre outros louvores que os escritores lhe fizeram, está que nos tempos de paz nunca pensava senão nos modos da guerra. E, quando estava no campo com os amigos parava amiúde e discutia com eles.” (*Príncipe* 14).

<sup>124</sup> Cf. *Flam.* 5.4.

<sup>125</sup> Cf. *Flam.* 17.3

<sup>126</sup> Cf. *Flam.* 5.6-7.

<sup>127</sup> Cf. *Flam.* 11.4-6.

melhores condições de vida para os cidadãos. Ao passar pelas cidades gregas, Flaminino procurou instalar uma nova ordem, alicerçada na justiça, concórdia e humanidade.<sup>128</sup>

Quanto à estrutura dos 21 capítulos, propomos a seguinte divisão:

- 1) Carácter, educação e início da carreira militar em Tarento (1);
- 2) Nomeado côsul para enfrentar Filipe e os macedónios (2);
- 3) Acções militares no Epiro e na Tessália (3-6);
- 4) Batalha de Cinoscéfalas (7-8);
- 5) Rivalidade entre etólios e romanos; negociações de paz (9);
- 6) Proclamação da liberdade da Grécia (10-12);
- 7) Batalha contra Nábis; honras prestadas a Flaminino pelas suas vitórias (13-14);
- 8) Guerra contra Antíoco (15-16);
- 9) Carácter de Flaminino (17);
- 10) Flaminino nomeado censor; inimizade com Catão (18-19);
- 11) Flaminino e Aníbal; morte de Aníbal e avaliação dos atos de Flaminino (20-21);

Na *synkrisis* ou *comparatio* final<sup>129</sup>, Plutarco enfatiza o facto de Flaminino ter contribuído para a liberdade dos gregos e, apesar de ser romano, contribuiu para a grandeza da Grécia, enquanto Filopémen matou mais gregos do que Flaminino. O herói grego, contudo, participou em mais guerras e de maior

---

<sup>128</sup> Cf. *Flam.* 12.6.

<sup>129</sup> Para uma análise desta *synkrisis*, vide Walsh 1992.

dimensão, tendo tornado melhores aqueles que combatiam ao seu lado, realçando Plutarco a sua capacidade inventiva no campo de batalha. Apesar de haver algum equilíbrio na avaliação, Plutarco considera: “nobre foi a moderação e a humanidade de Tito com os gregos, mas mais nobre foi a austeridade e o amor à liberdade de Filopémen com os romanos. (...) veja-se se não parece uma avaliação compreensível conceder a coroa da experiência bélica e da estratégia ao grego, e a da justiça e da bondade ao romano”.<sup>130</sup> Apesar de contemporâneos, viveram circunstâncias distintas e distinguiram-se também por razões distintas, mas ambas merecedoras de elogio por parte de Plutarco.

---

<sup>130</sup> *Comp. Philop.-Flam.3.4-5.*

(Página deixada propositadamente em branco)

## VIDA DE TITO FLAMININO

1.1. Nós comparamo-lo [Filopémen] a Tito Quíncio Flaminino, que quanto ao aspeto era possível vê-lo aos que desejavam, numa estátua de bronze, em Roma, que estava junto ao grande Apolo de Cartago, em frente do hipódromo<sup>131</sup>, contendo uma inscrição com palavras em grego. 2. No que diz respeito ao carácter, diz-se que tanto era veemente para a cólera como para o favor, não de forma semelhante, mas brando na forma de castigar e não incisivo, e pelo contrário, com respeito aos favores era efetivo; com os que era benfeitor, era por completo amável, como se fossem benfeitores, e sempre zeloso a tratar e a proteger os que recebiam os benefícios deles, como se fossem as mais belas das posses<sup>132</sup>. 3. Por ser muito amante da honra<sup>133</sup> e da fama, ele queria por si próprio atingir os melhores e maiores feitos, pois alegrava-se mais com os precisavam de receber benefícios do que com os que lhe podiam fazer bem, por pensar que aqueles são matéria para a virtude e estes são adversários da fama.

4. Foi educado nos hábitos militares, pois Roma travava, por essa altura, muitos e grandes batalhas, e os jovens aprendiam logo desde o início a comandar um exército em que eles próprios serviam; ele prestou serviço como tribuno<sup>134</sup>

---

<sup>131</sup> Trata-se do Circus, construído em 221 a. C.; a estátua de Flaminino que Plutarco refere deve ter vindo da Grécia para Roma depois de 146 a. C.

<sup>132</sup> Também pode significar 'peças' ou 'propriedades'.

<sup>133</sup> O vocábulo pode ter o sentido de 'ambição' ou 'rivalidade'.

<sup>134</sup> Em grego, *chiliarchos*.

com o cônsul Marcelo na guerra contra Aníbal<sup>135</sup>. 5. Marcelo morreu ao cair numa emboscada<sup>136</sup>, Tito, porém, designado governador da região à volta de Tarento e da própria Tarento, conquistada pela segunda vez, ganhou uma boa reputação não menos pelos atos justos do que pela ação militar. 6. Por isso, tendo sido enviados colonos a duas cidades, Nárnica<sup>137</sup> e Cosa, foi eleito chefe e fundador.

2.1. Isto excitou-o muitíssimo a ultrapassar as magistraturas intermédias e habituais para os jovens, como ser tribuno da plebe<sup>138</sup>, pretor<sup>139</sup> e edil<sup>140</sup>, achando-se logo digno do consulado<sup>141</sup>, e descia [ao terreno], ganhando a vontade dos colonos<sup>142</sup>. 2. Porém, como se opunham os tribunos da plebe Fúlvio e Mânio, dizendo que era inadmissível um homem novo forçar a mais importante magistratura contra as leis<sup>143</sup>, quando ainda não estava iniciado nos primeiros cultos e mistérios da governação, o senado, entretanto, restaurou o voto do povo; então o povo proclamou-o cônsul<sup>144</sup>, juntamente com Sexto Élio, embora ainda não tivesse trinta anos.

---

<sup>135</sup> Refere-se a combates que decorreram em 208 a. C.

<sup>136</sup> Ver Plutarco, *Marc.* 29.

<sup>137</sup> Fica situada na Úmbria e Cosa na Etrúria. Os comentadores costumam considerar que se trata de um erro de Plutarco, não havendo evidências da relação de Flaminino com estes locais.

<sup>138</sup> Em grego, *demarchia*. Note-se que, sendo Flaminino um patrício, esta magistratura não fazia parte do *cursus honorum*. Logo, é uma imprecisão de Plutarco.

<sup>139</sup> Em grego, *strategia*.

<sup>140</sup> Em grego, *agoranomia*.

<sup>141</sup> Em grego, *hypateia*.

<sup>142</sup> O vocábulo *klerouchia* pode significar ‘divisão do território’ de uma colónia (cf. Aristóteles, *Política* 4.81.2), mas aqui refere-se a ‘colonos’, tal como em Plutarco, *Per.* 34.2.

<sup>143</sup> Em grego, *nomoi*.

<sup>144</sup> Flaminino foi eleito cônsul em 198 a.C.

3. Recebeu em sorte a guerra contra Filipe e os macedónios<sup>145</sup>, tendo sido eleito com uma boa sorte para os romanos, para assuntos e homens que não precisavam de um líder que usava em todas as situações a guerra e a força, mas que eram mais fáceis de conquistar pela persuasão e pelo diálogo. 4. De facto, era suficiente para Filipe o poder da Macedónia como frente para a batalha, mas a força da guerra que se tinha arrastado, a despesa, o refúgio<sup>146</sup>, a maquinaria da falange eram, por completo, o poder dos gregos, pois enquanto não se desligaram de Filipe não era a guerra contra ele uma ação de uma só batalha. 5. A Grécia ainda não tinha reunido muitas vezes com os romanos, mas estava, neste momento, a relacionar-se pela primeira vez em ações<sup>147</sup>; se o general não fosse por natureza benevolente, recorrendo mais à palavra do que à guerra, se não usasse a persuasão com quem se relaciona, fosse amável com quem já se relacionava e tivesse maior intensidade<sup>148</sup> em favor dos justos, [a Grécia] não quereria, assim, facilmente o governante estrangeiro em vez dos que eram habituais. Com efeito, estas coisas revelam-se nas ações de Flaminio.

3.1. Inquirindo Tito quanto aos generais anteriores a eles, um Sulpício<sup>149</sup> e um Públio [Vílio]<sup>150</sup>, que se lançaram contra a Macedónia com atraso em relação ao tempo oportuno, e que fizeram a guerra de forma lenta ao consumir o tempo

---

<sup>145</sup> Refere-se à Segunda Guerra Macedónia, que começou em 200 a. C.

<sup>146</sup> Ou 'escusa'.

<sup>147</sup> Ou 'assuntos'.

<sup>148</sup> Vocábulo *tonos*, usado pelos estoicos com o sentido de 'força' ou 'tensão'.

<sup>149</sup> Trata-se de P. Sulpício Galba Máximo, cônsul em 200 a. C.

<sup>150</sup> É P. Vílio Tapulo, cônsul em 199 a. C.

com ataques e escaramuças com guerrilhas contra Filipe sobre caminhos e forragens; 2. Acreditava não ser necessário, como aqueles que tinham consumido o ano na pátria com honrarias e assuntos políticos, e depois serem enviados para as campanhas militares, e, por essa via, ganhar um ano mais no cargo, enquanto cônsul, e um outro a comandar a guerra; 3. Porém, ambicionando conseguir uma magistratura produtiva em conjunto com a guerra, deixou as honras e os lugares de privilégio na cidade, pedindo ao senado<sup>151</sup> que o seu irmão Lúcio<sup>152</sup> se juntasse a ele como comandante das naus; e tomando, como frente para a batalha os que ainda estavam em pleno vigor e os resolutos, que eram três mil, dos que tinham não só subjulgado Asdrúbal na Ibéria<sup>153</sup> com Cipião, mas também o próprio Aníbal na Líbia, ele chegou, em segurança, ao Epiro<sup>154</sup>. 4. Ao encontrar Públio acampado com o seu exército do lado oposto de Filipe, que vigia há muito tempo as entradas e os estreitos à volta do rio Apso<sup>155</sup>, como nada acontecia por causa da firmeza dos posicionamentos, tomou, então, o exército e, tendo dispensado Públio, examinou com atenção os lugares. 5. São firmes, não menos do que aqueles que há à volta de Tempe, mas que não têm a beleza das árvores como aqueles, nem o verde da floresta, nem espaços de lazer ou agradáveis prados. 6. De cada lado, convergem grandes e altas montanhas para um desfiladeiro grande e profundo. O Apso, ao deslocar-se por ele, assemelha-se em forma e rapidez ao Peneu, cobrindo, por um lado, toda a outra parte do sopé da montanha, e

---

<sup>151</sup> Em grego, *boule*.

<sup>152</sup> L. Quíncio Flaminio, cônsul em 192 a. C.

<sup>153</sup> A ação de Cipião na Ibéria terminou com a vitória de Ilipa, em 207 ou 206 a. C.

<sup>154</sup> Costuma situar-se essa chega nos primeiros dias de Maio de 198 a. C.

<sup>155</sup> Rio da Ilíria.

deixando, por outro, um corte escarpado e estreito junto ao canal do rio, nem era de outra forma fácil de atravessar para um exército, se houvesse vigilância, pois era de todo impraticável.

4.1. Havia, no entanto, os que conduziam Tito à volta pela Dasarétide, através do Lico, avançando por um caminho acessível e fácil. 2. Ele, porém, temendo que, por se lançar para longe do mar para lugares viscosos e mal semeados, enquanto Filipe fugia do combate, estivesse sem recursos de alimentos, e que novamente sem sucesso, tal como o comandante antes dele, fosse necessário retirar-se para o mar, decidiu atacar com vigor para forçar a passagem pelas partes altas. 3. Contudo, como Filipe ocupava as montanhas com a falange, sendo lançados dardos e flechas de todos os flancos contra os romanos, que resultavam em feridas e vivas lutas, e caíam mortos de ambos os lados, e assim o fim da guerra não aparecia; 4. então, chegaram ali homens dos que apascentam rebanhos, indicando um caminho à volta, que era desconhecido dos inimigos, e asseguravam conduzir o exército e fixá-lo no máximo ao terceiro dia no cimo das montanhas. 5. Apresentavam como garantia e segurança de fidelidade a Cárope, filho de Macatas, que tinha a primazia entre os Epirotas, era benévolo com os romanos e ajudava-os, em segredo, por medo de Filipe. 6. Tito, que tinha confiança nele, enviou um tribuno que possuía quatro mil infantes e trezentos cavaleiros. 7. Então, aqueles pastores, encadeados, conduziam-nos. Durante o dia, paravam, protegendo-se em zonas côncavas e lugares arborizados, e, durante a noite, caminhavam sob a luz da lua<sup>156</sup>. 8. Na verdade, havia lua-cheia.

---

<sup>156</sup> Esta batalha terá ocorrido a 25 de Junho do ano 198 a. C.

Tito, porém, depois de os ter enviado, permitiu que durante outros dias o exército descansasse, a quantos não tivessem sido arrastados para escaramuças com os inimigos. 9. Porém, os que permaneciam em volta estavam destinados, num dia, a aparecer do cimo das montanhas, assim, ao amanhecer, fez avançar todo o exército ligeiro e todo o exército pesado; 10. Tendo dividido a capacidade<sup>157</sup> em três partes, ele próprio conduziu as unidades militares<sup>158</sup> em linha reta para o lugar mais estreito, junto à margem do rio, sendo lançados ataques pelos macedónios e unindo-se a todos em volta das zonas difíceis, enquanto outros tentavam ao mesmo tempo, de cada um dos lados, lutar com ânimo, presos nas partes rochosas; 11. entretanto, o sol levantou-se, bem como uma fumarola não distinta, mas tal como uma neblina das zonas montanhosas se forma desde longe e que aparece de forma evidente, escapava oculto aos inimigos (pois estava na parte de trás deles, ocupando o cimo das montanhas); os romanos tinham uma expectativa ambígua, na luta e no esforço, ainda que tomados pela esperança<sup>159</sup> para o que desejavam. 12. Quando mais aumentava e deixava bem escuro o ar, espalhando-se muito para cima, isso revelou ser um sinal de fogo amigo, logo os romanos, proferindo um grito de guerra, atacaram de forma vigorosa e repeliram os inimigos para as zonas mais acidentadas, e uns, na parte detrás, devolveram gritos a partir do cimo das montanhas.

---

<sup>157</sup> Em grego, *dynamis*.

<sup>158</sup> Ou ‘cortes militares’.

<sup>159</sup> Nesta sequência, Plutarco usa as palavras *agon* (‘luta’, ‘combate’), *ponos* (‘esforço’, ‘trabalho’) e *elpis* (‘esperança’), que nos remete para o facto de em Hesíodo *ponos* surgir personificado como o filho de *Eris* (*Teogonia* 226), além do papel que estes vocábulos desempenham no poema *Trabalhos e Dias*.

5.1. Então, deu-se de imediato uma rápida fuga e tombaram não mais de dois mil; de facto, as zonas difíceis obstruíam a perseguição. 2. Os romanos, após saquear dinheiro, tendas e escravos, conquistaram os Estreitos e percorreram o Epiro de forma ordenada e com tal controlo que ainda estando eles longe dos barcos e do mar, sem receber o mantimento mensal, nem os ter em abundância no mercado, mantiveram-se longe das terras que ofereciam grandes recursos. 3. De facto, Tito, ao ouvir que Filipe passava pela Tessália tal como um fugitivo, pois fez sair as pessoas das cidades para as montanhas, incendiou as cidades, expôs o saque de riquezas deixadas por causa da quantidade e do peso, deslocando de certa maneira os territórios, nesse momento, para os romanos, procurava a honra e encorajava os soldados a que caminhassem com cuidado, como se fosse a sua casa e que lhe tivesse sido concedida. 4. E, sem dúvida, também estes acontecimentos lhes produziam, de imediato, a percepção da sua moderação. Na verdade, as cidades, com a junção à Tessália, aproximaram-se a eles, os gregos do lado das Portas<sup>160</sup> estavam receosos e em pânico ante Tito; os aqueus, recusando a simaquia com Filipe, resolveram<sup>161</sup> combater com os romanos contra ele<sup>162</sup>. 5. Ainda que, naquele momento, os etólios lutassem ativamente com os romanos e se empenhassem em tomar e vigiar a cidade, os opúncios não prestaram atenção, mas sendo enviados a Tito confiaram nele e entregaram-se. 6. Contam, então, que Pirro, quando, pela primeira vez, observou do alto o exército dos romanos em formação, disse que o alinhamento daqueles bárbaros não lhe parecia de todo bárbaro. Os que encontraram Tito pela

---

<sup>160</sup> Refere-se às Termópilas.

<sup>161</sup> Ou 'votaram'.

<sup>162</sup> Cf. *Philop.* 13.8.

primeira vez tiveram necessidade de falar a mesma língua. 7. Ouviram os macedónios dizer que um homem marchava ao comando de um exército bárbaro, submetendo e escravizando tudo pelas armas; depois, encontraram um homem jovem e de aparência amável, que falava a língua grega, apaixonado pela verdadeira honra, e, assim, partiram completamente fascinados e espalharam pelas cidades a benevolência para proveito dele, como se tivessem um comandante da liberdade. 8. E como Filipe parecia estar disposto para um acordo, Tito foi ter com ele para lhe propor paz e amizade para que permitisse a autonomia grega e removesse as guarnições, mas ele não aceitou; naquele momento, logo se revelou também aos que serviam a Filipe, que os romanos tinham vindo não para combater os gregos, mas pelos gregos contra os macedónios.

6.1. Então, os outros aproximaram-se com tranquilidade dele, que atravessava a Beócia sem combates, e os principais dos tebanos, que se entendiam com o Macedónio graças a Bráquiles<sup>163</sup>, mas saudavam amavelmente Tito e honravam-no, como se tivesse começado uma amizade entre ambos. 2. Depois de os receber com benevolência e de os saudar, prosseguiu tranquilamente o caminho, perguntando e ouvindo algumas coisas, expondo com pormenor e introduzindo outras de forma deliberada, enquanto os soldados recuperavam da marcha. 3. Desta maneira, ao avançar, entrou na cidade com os tebanos, que não rejubilaram muito, mas tiveram escrúpulos em impedi-lo, pois seguiam-no uma quantidade considerável de soldados.<sup>164</sup> 4. E, no entanto, quando Tito chegou,

---

<sup>163</sup> Na Beócia, era o líder do partido a favor da Macedónia.

<sup>164</sup> Para T. Lívio (33.1.2), seriam dois mil.

como se não tivesse tomado a cidade, convenceu-os de que preferissem os romanos, sendo defendido pelo rei Átalo<sup>165</sup> e estando junto dos Tebanos. 5. Mas Átalo, segundo parece, desejando oferecer-se a Tito como retor mais ativo do que um velho, na altura de falar foi atacado por uma agitação mental<sup>166</sup> ou perturbação<sup>167</sup> e, de repente, depois de sentir o ataque, caiu; sendo levado de volta à Ásia nas naus, morreu em não muito tempo. Depois disso, os beócios juntaram-se aos romanos.

7.1. Depois de Filipe ter enviado embaixadores para Roma, também Tito despachou os que negociavam por ele, de maneira que o Senado votasse um período de tempo para ele enquanto se mantivesse a guerra. 2. Se não, que se acordasse a paz por meio dele. Por ser, de facto, excessivamente ambicioso, tinha receio que enviado um outro estratega<sup>168</sup> para a guerra ficasse privado de glória. 3. Negociando os amigos com ele, não pretendiam eles que Filipe tivesse sucesso e que ele mantivesse o comando na guerra, depois de receber o decreto e aumentar a esperança, de imediato se dirigiu para a Tessália contra Filipe, com mais de vinte e seis mil soldados, dos quais os etólios ofereciam seis mil de infantaria e quatrocentos cavaleiros. Também o exército de Filipe era semelhante em quantidade. 4. Quando caminhavam uns contra os outros e estavam junto a Escotussa, naquele momento estava destinado exporem-se ao risco, contudo não pareceram os soldados ser tomados pelo medo do ataque entre uns e outros, mas estavam

---

<sup>165</sup> Trata-se de Átalo I de Pérgamo, aliado dos romanos.

<sup>166</sup> O texto parece querer dizer que sofreu uma indisposição ou ataque mental no momento de falar.

<sup>167</sup> Em grego, *rheuma*.

<sup>168</sup> Ou 'general'.

mais cheios de vontade<sup>169</sup> e ambição<sup>170</sup>; 5. os romanos dominaram, por si, os da Macedónia, que tinham uma fama, entre eles, com mais força e poder por causa de Alexandre. Os macedónios, por considerarem que os romanos eram superiores aos persas, esperavam que Filipe fosse superior ao demonstrar ser mais brilhante do que Alexandre. 6. Entretanto, Tito exortava os soldados a ser homens bons e intrépidos, porque estavam destinados a combater no mais belo teatro grego contra os melhores dos rivais. 7. Porém, Filipe enganando-se, quer por sorte, quer por ato voluntário na ocasião, foi a um cemitério na parte alta fora da paliçada, ao avançar sobre este lugar, começou a falar e a incitar dali a amar a coragem antes da guerra, ao ver que caía sobre eles uma terrível falta de coragem por causa do augúrio<sup>171</sup>, e estando perturbado, absteve-se naquele dia.

8.1. No dia seguinte, ao amanhecer, depois de uma noite doce e húmida, com as nuvens a transformarem-se em névoa, encheram toda a planície de uma profunda escuridão, e uma névoa pesada descia do cimo das montanhas para o meio dos acampamentos, escondendo os lugares até começar o dia. 2. Os que foram enviados de ambas as partes por causa da proteção e da ação de reconhecimento, muito depressa se precipitando uns contra os outros, lutavam em volta das chamadas Cinoscéfalas, que são as pequenas partes altas das colinas compactas e paralelas, e, por conseguinte, têm este nome por causa da semelhança da figura.<sup>172</sup> 3. Sucederam-se mudanças no que diz respeito a fugas e perseguições, como acontece em

---

<sup>169</sup> O vocábulo também tem o sentido de ‘impulso’.

<sup>170</sup> Em grego, *philotimia*.

<sup>171</sup> Nenhuma outra fonte dá conta deste presságio.

<sup>172</sup> O vocábulo ‘Cinoscéfalas’ significa ‘cabeças de cão’.

ocasiões complexas, cada um dos lados enviando ajuda a partir dos acampamentos aos que sempre lutavam arduamente e aos que se retiravam, e, quando o ar já ficava mais claro, se apercebiam do que sucedia, juntavam todo o exército. 4. De facto, Filipe era superior na ala direita, conduzindo, desde lugares favoráveis, toda a força da falange contra os romanos, nem os melhores permaneceram firmes com o peso dos escudos juntos e a robustez do ataque avançado. 5. Tomando a ala esquerda em desordem e dividida no alto das colinas, Tito, renunciando à ala que fora vencida, e deslocando-se para a outra com rapidez, combateu contra os macedónios, que com dificuldade organizavam a falange e davam consistência à disposição militar, que era a força do poder deles, ao se separarem por causa da inconsistência e aspereza dos espaços, além de que usavam para lutar homem a homem um armamento pesado e de difícil manuseamento. 6. Na verdade, a falange assemelha-se à força de um animal invencível, quando é um só corpo e conserva os escudos juntos numa só disposição, mas, se desfaz a forma, cada um dos combatentes perde a sua força individual por causa do tipo de armamento, e porque tem mais poder pelo conjunto de todas as partes entre umas e outras do que só por si própria. 7. Tendo estes sido derrotados, uns perseguiram os que fugiam, outros, correndo desde os flancos contra os macedónios que lutavam, matavam-nos, de forma que também os que venciam rapidamente se perturbavam e fugiam largando as armas. 8. Morreram, em verdade, não menos que oito mil e capturaram cerca de cinco mil.<sup>173</sup> 9. Os etólios – que fizeram o roubo e o saque da paliçada, enquanto os romanos empreenderam a perseguição, de tal maneira que

---

<sup>173</sup> Se confrontarmos esta versão com a de Políbio (18.27.6) ou a de T. Lívio (33.10.7), o número é bastante mais baixo: setecentos!

nada encontraram estes no regresso – foram a causa para Filipe fugir em segurança.

9.1. Com efeito, surgiram pela primeira vez as injúrias e os desentendimentos contra uns e outros; a partir destes [os etólios] molestavam Tito sempre muito, atribuindo a eles próprios a vitória e antecipando os gregos em fama, de tal maneira que eram os primeiros a ser descritos e cantados pelos poetas e privados, que celebravam o sucesso. 2. Destes, o mais conhecido era o seguinte epigrama:<sup>174</sup>

Não chorados e insepultos, viajante, nesta encosta  
da Tessália jazemos trinta mil,  
vencidos pelo Ares dos etólios ou dos latinos,  
que Tito trouxe da fecunda Itália,  
grande sofrimento para Emátia<sup>175</sup>. E aquela alma audaz  
de Filipe lamentava-se mais depressa do que os rápidos  
veados.

3. Alceu<sup>176</sup> compôs isto, insultando Filipe e falsificando o número dos que pereceram<sup>177</sup>. Sendo recitado em muitos lugares e por muitos, importunava mais a Tito do que a Filipe. 4. Pois, ridicularizando este a elegia de Alceu, contestou da seguinte forma:

Sem tegumento e sem folha, viajante, nesta encosta  
uma estaca alta está fixa para Alceu.

---

<sup>174</sup> *Antologia Palatina* VII.247.

<sup>175</sup> Região da Macedónia.

<sup>176</sup> Trata-se de Alceu de Messene, do século III a. C. Segundo a tradição, faltam ao epigrama os versos 3 e 4, que Flaminino pediu para serem retirados, pelo facto de os etólios aparecerem primeiro do que os romanos.

<sup>177</sup> Terão sido oito mil e não trinta mil.

5. Estas coisas estimularam, de forma desmedida, Tito, que desejava a honra ante os gregos. Por isso, realizou por si mesmo as restantes ações, considerando muito pouco os etólios. 6. Eles sentiram-se maltratados, e quando aceitou as propostas do macedónio e a embaixada para tratados, percorrendo aquele as outras cidades que protestavam por se vender a paz a Filipe, quando era permitido repelir, por completo, a guerra e destruir o poder pelo qual foi primeiramente a Grécia escravizada. 7. Enquanto os etólios diziam estas coisas e provocavam a confusão entre os aliados, o próprio Filipe, ao chegar para a resolução dos problemas, acabou com a suspeita, ao confiar os seus assuntos a Tito e aos romanos. 8. E Tito fez cessar a guerra da seguinte maneira: restituiu-lhe o reino da Macedónia, mas ordenou que se afastasse da Grécia, multou-o em mil talentos, tirou-lhe todas as naus, menos dez<sup>178</sup>, tendo tomado como servo um dos filhos, Demétrio, enviou-o para Roma, usando da melhor forma a ocasião e adiantando-se ao que estava destinado. 9. De facto, Aníbal, o Líbio, o homem mais odioso para os romanos e exilado, nesse momento já tinha chegado junto do rei Antíoco e estimulava-o a ir em frente, sendo o seu poder favorável com a fortuna, e pelos grandes feitos que, por si, já tinha realizado, que lhe permitiram ter o nome de Grande, olhando para a hegemonia de tudo, em especial erigindo-se contra os romanos; 10. Se Tito, prevendo isto, não tivesse permitido, com sensatez, a cessação das hostilidades, mas a guerra de Antíoco na Grécia juntou-se à de Filipe, e ambos, os que eram na altura os maiores e mais poderosos dos reis contra Roma, associaram-se por causas comuns, [Tito] tinha porventura suportado, desde o princípio,

---

<sup>178</sup> Na versão de Políbio (18.44) e T. Lívio (33.30), não foram dez, mas seis.

combates e perigos não mais pequenos que os de Aníbal. 11. Mas tendo agora Tito colocado, com oportunidade, a paz no meio das guerras, tendo acabado com a presente antes que começasse a futura, suprimiu a última esperança a um e a primeira a outro.

**10.1.** Quando os dez embaixadores que o Senado enviou a Tito aconselharam-no a libertar os outros gregos, mas a manter as guarnições em Corinto, Cálcis e Demetriadé por segurança contra Antíoco; 2. então os etólios, brilhantes nas acusações, destruíram brilhantemente<sup>179</sup> as cidades, ordenando a Tito que soltasse as grilhetas da Grécia (era desta maneira, de facto, que Filipe costumava chamar às cidades antes mencionadas); questionando os gregos se agora estavam alegres por terem um colar mais pesado e mais polido do que antes e se admiravam a Tito como benfeitor, porque, depois de soltar os pés da Grécia, amarrou-a pelo pescoço. 3. Sentindo-se Tito maltratado por eles, suportando-o com dificuldade e exortando o conselho, persuadiu-o por fim a livrar estas cidades da vigilância, de forma que a graça da sua parte para com os gregos fosse, na sua essência, completa. 4. Aquando da celebração dos Jogos Ístmicos, uma multidão de pessoas estava sentada no estádio para assistir ao concurso de ginástica, pois tendo cessado a guerra na Grécia, depois de muito tempo, em favor da esperança da liberdade, reuniu-se para celebrar em manifesto clima de paz. 5. Tendo a trombeta espalhado por todos o sinal de silêncio, o arauto, colocando-se no meio, anunciou que o Senado romano e Tito Quíncio, general e cônsul, após ter combatido o rei Filipe e os macedónios, deixavam livres, sem guarnições, não sujeitos a tributos e no uso das

---

<sup>179</sup> Mantivemos a repetição que está no original: λαμπροὶ λαμπρῶς.

leis ancestrais os coríntios, os focences, os lócrios, os eubeus, os aqueus, os ftiotas, os magnetes, os tessálios e os perrebos. 6. Ao início, nem todos, nem com clareza o escutavam, mas havia um movimento anómalo e turbulento no estádio, dos que estavam admirados, dos que questionavam e solicitavam que de novo se fizesse a proclamação. 7. Quando de novo se instalou a calma, tendo o arauto elevado a voz de forma mais decidida gritou para todos o ouvirem; ele recontou o decreto e logo uma gritaria de incrível tamanho, por causa da alegria, avançou até ao mar; o teatro colocou-se em pé, sem que ninguém prestasse atenção aos que competiam, todos se apressavam em saltar, cumprimentar e falar com o defensor e libertador da Grécia. 8.<sup>180</sup> A capacidade da sua voz, que era mencionada muitas vezes pela sua superioridade, manifestou-se naquele momento; de facto, corvos que, por acaso, voavam por ali caíram no estádio. 9. A causa foi o corte de ar. Quando, de facto, se projeta uma voz forte e poderosa, despedaçado o ar por esta não oferece resistência aos que voam, mas provoca-se uma queda como se estivesse a pisar no vazio, a não ser que, por Zeus, tivessem caído por um golpe maior, atravessadas [as aves] por uma flecha, e morrido. 10. É possível ter sido uma rotação de ar, determinado por causa da grandeza, como um remoinho no mar e um refluxo das ondas.

**11**<sup>181</sup>.1. Certamente Tito, se não tivesse evitado a pista, apercebendo-se rapidamente do movimento da multidão após

---

<sup>180</sup> Exemplo de uma digressão científica; cf. *Caes.* 63.2 e *Quaest. conv.* 721EF.

<sup>181</sup> Brenk 2017: 95, n. 15: “In *Flamininus* 11, after the defeat of Philip at kynoskephalai, he has the friends of the hero, in a little disquisition which is obviously Plutarch’s own thoughts, lay the blame not on the vagaries of a callous *tyche* but on the eternal contentiousness of the

o final do espetáculo, parece que não teria escapado a tantos que o rodeavam por perto e por todo o lado. 2. Quando ficaram cansados de gritar em redor da tenda dele já era de noite, e, nesse momento, saudando e abraçando a quantos amigos ou cidadãos que viam, voltaram-se para a comida e bebida uns com os outros. 3. Naquele momento, ao que parece, Flaminino avançou com mais alegria para discursar e conversar sobre a Grécia: de quantas guerras empreendeu pela liberdade, em nenhuma alcançou mais segurança e mais prazer do que naquela, pois a Grécia, por intermédio do combate de outros em sua defesa, alcançou quase sem sangue nem luto o mais belo e o mais invejável dos prémios. 4. A coragem e a inteligência eram raras entre os homens, mas o bem mais raro de todos era um homem justo. 5. Homens como os Agesilaus, os Lisandros, os Nícias e os Alcibíades conduziam bem as guerras e, como comandantes, conseguiam vencer por terra e por mar, mas não souberam usar o sucesso para alcançarem um benefício nobre e belo. 6. Se excluirmos as batalhas de Maratona, Salamina, Plateias<sup>182</sup> e das Termópilas, e as ações de Címon em Eurimedonte e Chipre, a Grécia travou todos os combates contra ela própria<sup>183</sup> para a sua escravidão e todos os troféus que levantou foram a desgraça e a vergonha, pois na maior parte das vezes caiu na maldade e na tendência litigiosa dos que a comandam. 7. Pelo contrário, quanto aos homens estrangeiros, que parecem ter somente pequenas faíscas e

---

Greeks”; sobre a ideia de guerra e paz em Plutarco, *vide* García Bravo 1973: 141-191.

<sup>182</sup> Em *Comp. Arist.-Cat.Ma.* 5.1, considera Maratona, Salamina e Plateias as mais brilhantes e importantes acções dos gregos.

<sup>183</sup> Crítica as lutas internas na Grécia, que apenas contribuíram para enfraquecer o seu poderio e para vaidade pessoal dos que ambicionavam mais poder.

ténues traços comuns à antiga estirpe [dos gregos]<sup>184</sup>, era admirável vir deles uma palavra e uma opinião útil para a Grécia, e eles próprios, correndo grandes perigos e suportando grandes sofrimentos, salvaram a Grécia e libertaram-na de déspotas terríveis e tirânicos.

12<sup>185</sup>.1. Ocorriam estas coisas aos gregos e havia correspondência das ações com os decretos. 2. Ao mesmo tempo, de facto, Tito enviou Lêntulo à Ásia para que libertasse os bargilietas, e Estertínio à Trácia para libertar as cidades do local e as ilhas das guarnições de Filipe. 3. E Públio Vílio navegava para conversar com Antíoco sobre a liberdade dos gregos sob o seu comando. 4. O próprio Tito, dirigindo-se para Cálcis, depois navegando dali para a Magnésia, levava as guarnições e devolvia aos povos as formas de governação. 5. Nomeado juiz<sup>186</sup> dos Jogos Nemeus em Argos, organizou muito bem a assembleia<sup>187</sup>, e de novo proclamou ali a liberdade para os gregos por meio de um arauto; 6. visitando as cidades, criou, ao mesmo tempo, uma boa ordem, uma grande justiça, concórdia e humanidade entre uns e outros, assim terminando as dissensões, fazendo regressar os exilados, gloriando-se de persuadir e reconciliar os gregos não menos do que terem sido superiores aos Macedónios, de maneira que parecia a liberdade o mais pequeno dos benefícios que eles conseguiram. 7. Com efeito, conta-se

---

<sup>184</sup> Também na biografia de Rómulo refere a relação entre a Grécia e Roma (cf. *Rom.* 13.4).

<sup>185</sup> Para Brenk 2017: 144, Plutarco não procura expressar qualquer admiração por Nero, mas “only relates that both liberations took place at the Isthmian Games. Plutarch may, in fact, be implicitly condemning Nero, contrasting the more modest honors Flamininus received with the extravagant and sacrilegious ones of Nero”; cf. *Flam.*10-11, *De sera* 567E-F.

<sup>186</sup> Em grego, *agonothetes*.

<sup>187</sup> Em grego, *paneguris*.

que o filósofo Xenócrates<sup>188</sup>, sendo levado pelos cobradores por causa dos impostos dos metecos<sup>189</sup>, o retor Licurgo impediu-o e determinou uma sanção pela insolência aos que o levavam, e indo ao encontro dos filhos de Licurgo disse: “Filhos, retribuo um belo favor ao vosso pai. Todos o aplaudem pelas coisas que fez”. 8. Porém, a Tito e aos romanos, pelos benefícios que fizeram aos gregos, não só encontraram a graça com aplausos, mas também, justamente, com a confiança e o poder entre todos os homens. 9. Na verdade, eles não os aceitando apenas como seus soberanos, mas, enviando-os e chamando-os, confiaram neles, não só os povos e as cidades, mas também os reis, injuriados por outros reis, refugiavam-se nas mãos deles; 10. de tal maneira que, em pouco tempo, talvez também por agir em conjunto com um deus, tudo lhes esteve sujeito. 11. E ele próprio muito se orgulhava com a libertação da Grécia. De facto, dedicando a Delfos escudos argênteos e o próprio escudo, gravou:<sup>190</sup>

Ó, filhos de Zeus, que rejubilais com as rápidas  
corridas de cavalos; ó, reis Tindáridas de Esparta,  
o Enéada Tito deu-vos o mais excelente dom,  
ao produzir a liberdade para os filhos dos gregos.

12.2. Dedicou também uma coroa dourada a Apolo, gravando:<sup>191</sup>

---

<sup>188</sup> Filósofo da Calcedónia que foi discípulo de Platão, tendo dirigido a Academia entre 339 e 312 a. C. Não nos chegou nenhuma das suas obras, embora Diógenes Laércio indique vários tratados da sua autoria (4.10-14).

<sup>189</sup> Em grego, *metoikion*.

<sup>190</sup> Preger 93.

<sup>191</sup> Preger 92.

Sobre os imortais cabelos depositei  
 em repouso uma coroa de brilho dourado,  
 que te deu o grande comandante Enéada. Mas, tu que atuas  
 ao longe,<sup>192</sup>  
 dá ao divino Tito a glória do poder.

13. Pelo menos então, em relação à cidade dos coríntios, a favor dos gregos já aconteceu o seguinte por duas vezes: assim, Tito, por essa altura em Corinto, e Nero, de novo no nosso tempo<sup>193</sup>, em Corinto, quando se celebram de forma semelhante os Jogos Ísmicos, deixaram livres e autónomos os gregos; um por meio do arauto, como se disse<sup>194</sup>, Nero, por sua vez, o próprio falou à multidão do povo a partir da tribuna da assembleia. Mas esta coisas sucederam mais tarde.

**13.1.** Nesse momento, Tito, iniciando a guerra mais bela e mais justa contra Nábis<sup>195</sup>, o tirano mais abominável e iníquo dos lacedemónios, enganou no final as esperanças da Grécia, por não querer capturá-lo quando o teve à disposição; 2. mas antes acertando acordos e permitindo que Esparta fosse escravizada sem o merecer, quer receando que, caso a guerra tomasse outra dimensão, outro general, vindo de Roma, lhe destruísse a fama, quer por rivalidade e ciúmes das honras de Filopémen<sup>196</sup>, que era entre todos os outros o homem mais poderoso dos gregos, e que demonstrou no combate contra aquele [Nábis] façanhas admiráveis de coragem e vigor; 3. os

---

<sup>192</sup> Epíteto de Apolo, *hekaergos*, que já está registado nos Poemas Homéricos (*Iliada* 1.479 ou *Odisseia* 8.323).

<sup>193</sup> Refere-se ao ano 67 d. C.

<sup>194</sup> Cf. *Flam.* 10.5.

<sup>195</sup> Veja-se o que é dito na biografia de Filopémen (14) sobre esta guerra.

<sup>196</sup> Comparar com o que é dito em *Philop.* 15.2-3.

aqueus honraram-no e reverenciaram-no em teatros, tal como a Tito, o que incomodava este, por pensar que não era digno de igual admiração junto deles um cônsul romano, que havia lutado pela Grécia, que um homem arcádio, general de guerras pequenas e contra vizinhos. 4. Mas, por outro lado, Tito falava em defesa deles, por ter acabado a guerra, porque via que o tirano morreria com grande mal para os outros espartiatas.

5. Tendo os aqueus votado em sua honra muitas coisas, mas parecia que nada era igual aos benefícios, exceto um presente, que aquele preferia no lugar de todos. 6. E era o seguinte: os romanos que tinham sido azarados na guerra contra Aníbal eram escravos depois de terem sido vendidos e dispersados por muitos lugares. 7. Na Grécia, eram ao todo mil e duzentos, sempre dignos de lamentos pela situação de mudança, e naquele momento ainda mais, segundo parece, quando uns se encontravam com os filhos, outros com os irmãos, outros com familiares, escravos com pessoas livres e prisioneiros com vencedores. 8. Tito, então, não libertou estes dos que os tinham adquirido, ainda que se afligisse com eles, os aqueus, porém, resgatando cada homem por cinco minas e reunindo-os a todos para um sítio, entregaram-nos a Tito já próximo da viagem, de maneira que se fez alegre ao mar com ele próprio, transportando belas recompensas dos belos<sup>197</sup> feitos e que distinguem um grande homem e patriota. 9. Parece que isto foi a razão mais brilhante de todas no seu triunfo. De facto, estes homens, como era costume dos escravos, quando eram libertados, enfeitavam as cabeças e levavam pequenos barretes de feltro, oferecendo eles estas coisas enquanto acompanhavam Tito no triunfo.

---

<sup>197</sup> Mantivemos a repetição que está no original: καλῶν...καλᾶς.

14.1. Mas também oferecia uma bela vista os que integravam o triunfo com os espólios de guerra: os elmos gregos, os pequenos escudos e as sarissas dos macedónios; 2. e não era pequena a quantidade de riquezas, como escreveu Tuditano<sup>198</sup>, pois no triunfo foram levadas três mil setecentas e treze em ouro derretido, quarenta e três mil duzentas e setenta em prata, e catorze mil quinhentos e catorze filipinos em ouro; 3. separado disto, os mil talentos que Filipe tinha de pagar; mas, mais tarde, os romanos foram persuadidos sobre estas coisas, principalmente com a ajuda de Tito, e assim deixaram Filipe livre desse tributo, decidiram por voto que era aliado e libertaram o filho dele da condição de refém.

15.1. Quando Antíoco atravessou a Grécia com muitas naus e um exército, causou a revolta nas cidades e formaram-se facções rivais; então os etólios vieram apoiá-lo, que há muito tempo estavam ordenados em ação hostil e belicosa contra o povo romano, dando como pretexto da guerra e alegado motivo a liberdade dos gregos, que não precisavam (na verdade, eles eram livres), mas ensinando-o, por falta de uma causa plausível, a usar o mais belo dos nomes; 2. e os romanos, receando muito a extensão e a fama do poder dele, enviaram como general de guerra o cônsul Mânio Acílio<sup>199</sup> e como

---

<sup>198</sup> Seguimos o que C. Pelling 1997: 263 indica na introdução ao par Filopémen-Flaminino, na edição da Biblioteca Universale Rizzoli: “in 14,2 «Tuditanus», o almeno così sembra (ma c'è una difficoltà di carattere testuale)”, que é explicada na n. 34: “Τουδιτανόν (Anon.) è paleograficamente migliore di τὸν Ἀντίαν (cioè Valerio Anziate) di Cichorius, accolto da Ziegler (...). È difficile essere sicuri che Τουδιτανόν sai corretto, ma è un cattivo método preferire una lesione meno convincente dal punto di vista paleografico per soddisfare le proprie ipotesi personali concernenti le fonti di Plutarco”. Deve tratar-se de Semprônio Tuditano, cônsul em 129 a. C.

<sup>199</sup> Exerceu a função de cônsul em 191 a. C.

legado<sup>200</sup> a Tito, por causa dos gregos; 3. Ao ver logo alguns deles, fê-los mais firmes, e outros, que começavam a adoecer, tal como alguém que dá, na ocasião, um fármaco em benevolência a favor dele, fez por ficar ali e impediu que errassem. 4. Poucos lhe fugiram, já ocupados de antemão e arruinados por completo pelos etólios, aos que, embora estivesse colérico e exasperado, no entanto salvou depois do combate. 5. De facto, Antíoco vencido nas Termópilas e estando em fuga, de imediato navegou para a Ásia, e o cônsul Mânio, atacando ele próprio alguns dos etólios, sitiou-os e permitiu ao rei Filipe que destruísse outros. 6. Sendo arrastados e despojados pelos macedónios, tanto os dólopes e os magnetes, como os atamanes e os aperantes, e o próprio Mânio, saqueando por completo Heracleia e tendo sitiado Naupacto, por estar tomada pelos etólios, então Tito, que tinha piedade dos gregos, navegou desde o Peloponeso na companhia do cônsul. 7. E, em primeiro lugar, censurou-o, uma vez que, se foi ele que venceu, permitiu que Filipe levasse os prémios da guerra e que consumisse o tempo a permanecer numa só cidade por causa da cólera, enquanto os macedónios conquistaram não poucos povos e reinos. 8. De seguida, estando sitiados, como o viram, chamaram-no desde a muralha, estendendo as mãos e suplicando, nesse momento nada disse, mas, dando a volta, afastou-se a chorar. 9. Mas, mais tarde, depois de falar com Mânio e de acalmar o ânimo dele, negociou com os etólios conceder um armistício e um tempo durante o qual, por ação dos embaixadores em Roma, pudessem obter um acordo moderado.

---

<sup>200</sup> A palavra grega *πρεσβευτής* equivale em latim a *legatus*.

16.1. Os pedidos dos calcídios produziam-lhe o maior confronto e trabalho, originando a cólera contra Mânio por causa do casamento que Antíoco celebrara com eles já com a guerra em curso, não se justificando pela idade nem pela oportunidade, mas um homem velho apaixonado por uma jovem, filha de Cleoptólemo, que se diz que era a mais bela donzela.<sup>201</sup> 2. Isto fez com que os calcídios fossem muito ativos partidários do rei e que oferecessem a sua cidade como base de operações para a guerra. 3. Com efeito, aquele, após a batalha, ao fugir rapidamente, aproximou-se de Cálcis, depois de tomar a jovem, as riquezas e os amigos, e navegou para a Ásia. 4. Tito, seguindo Mânio que, de imediato, avançou com cólera contra os calcídios, tranquilizou-o e suplicou-lhe, e, por fim, convenceu-o e pacificou-o, rogando-lhe e ao exército dos romanos. 5. Desta maneira, os calcídios, por terem sido salvos, dedicaram a Tito os mais belos e grandes dos seus monumentos, nos quais é possível, ainda hoje, ver as seguintes inscrições: “O povo dedica a Tito e a Hércules o ginásio”. Do outro lado, de novo: “O povo dedica a Tito e a Apolo o Delfino”. 6. Ainda nos nossos dias o sacerdote, votado de mão levantada, se chama Tito, e, depois de fazer sacrifícios e feitas as libações, cantavam o péan composto para ele, que nós não nos permitimos citar todo por causa da extensão, mas registamos aqueles versos que dizem ser a parte final<sup>202</sup>:

7

Estimamos a boa-fé dos romanos,  
muito reverenciada, que guarda os juramentos!  
Cantai jovens,

<sup>201</sup> Ver *Philop.* 17.1

<sup>202</sup> PLG III<sup>49</sup> 673 app. Powell 9 Coll. Alex. 173.

a Zeus grande, a Roma, a Tito juntamente com a Boa-Fé dos romanos!

Ai Péan,

Ó Tito salvador!

17.1. Houve honras convenientes por parte de outros gregos, e o que tornam as honras verdadeiras, a admirável benevolência por meio da razoabilidade do carácter. 2. Se, de facto, em alguns momentos por causa de ações ou da rivalidade, Tito se ofendeu em relação a Filopémen e novamente a Diófanos, que era estrategista dos aqueus<sup>203</sup>, não tinha um ânimo severo, nem se distendia em atos, mas acalmava-se numa conversa com uma certa liberdade política. 3. Com ninguém era, realmente, cruel, mas parecia ser veemente para muitos e imprudente por natureza, mas para outros parecia que conversava com todos de forma amável e falava, de forma elegante, com muito vigor. 4. De facto, procurando dissuadir os aqueus que se apropriavam da ilha de Jacinto, disse que corriam perigo, se porventura, tal como as tartarugas, estendessem a cabeça para lá do Peloponeso. 5.<sup>204</sup> Quando se reuniram, pela primeira vez, para conversar sobre as tréguas e a paz, ao dizer Filipe que se fazia acompanhar por muitos, enquanto ele estava sozinho, Tito, depois de o interromper, disse: “Na verdade, fizeste o teu próprio isolamento, ao matar os amigos e familiares”. 6. Quando Dinócrates<sup>205</sup>, o messénio, embriagado, dançou com um vestido feminino, e no dia

---

<sup>203</sup> Em 192-191 a. C.

<sup>204</sup> Este momento é muitas vezes usado como um exemplo de um episódio com Elevado grau emocional, apesar de não haver nenhuma ação militar ou outra; ver também *Cor.* 36.1, *Pyrrh.* 3.2, *Pomp.* 72.1-3, *Mar.* 37.9.

<sup>205</sup> Segundo Políbio (23.5.12), foi o responsável pela morte de Filopémen, em 183 a. C.; cf. *Philop.* 20.

seguinte solicitou que Tito o socorresse a projetar a separação de Messénia dos aqueus; ele disse-lhe que examinaria estas coisas, mas que se admiraria que ele, tentando tão grandes ações, pudesse dançar e cantar num banquete. 7. Nomeando, perante os aqueus, os muitos embaixadores de Antíoco e os do exército real, e contando com pormenor os seus muitos títulos, Tito disse que, por ele comer com um estrangeiro e, por conseguinte, censurar a quantidade de carne e se admirar como tinha arranjado tão grande variedade de alimentos, o convidado replicou porque era tudo carne de porco, diferente nas formas de preparação e nos temperos. 8. Afirmou: “Por essa razão, vós, homens aqueus, não vos admirais com o poder de Antíoco, ouvindo os lanceiros, os portadores da lança<sup>206</sup> e os guardas de infantaria<sup>207</sup>. Em verdade, todos estes são sírios que se distinguem pelas armas ligeiras”.

**18.1.** Depois das ações helénicas e a guerra de Antíoco, foi designado censor<sup>208</sup>, que era a magistratura mais importante e um modo de conclusão da carreira política<sup>209</sup>; 2. Marcelo foi seu colega, filho de Marcelo que foi cônsul por cinco vezes; baniram do Senado<sup>210</sup> quatro não excessivamente distintos e admitiram a cidadania a todos quanto estavam registados, progenitores livres, compelidos pelo tribuno da plebe Terêncio Culeo, que, agindo maliciosamente com os aristocratas, persuadiu o povo a votar nessas coisas.

---

<sup>206</sup> Ou ‘pique’.

<sup>207</sup> Refere-se a soldados da armada macedónia.

<sup>208</sup> Em grego, τιμητής; Flaminino foi censor em 189 a. C.

<sup>209</sup> Com o sentido de se tratar de uma consagração a obtenção desta magistratura.

<sup>210</sup> Neste caso, usa o vocábulo *boule*.

3. Tendo os homens, naquela altura, mais conhecidos e importantes na cidade divergido uns com os outros, Cipião Africano e Marco Catão, Tito apontou-o no Senado, como o homem melhor e o primeiro, mas chegou à inimizade com Catão ao acontecer esta circunstância. 4. Tito tinha um irmão, Lúcio Flaminino<sup>211</sup>, que não tinha uma natureza semelhante a ele, pois era terrivelmente servil nos prazeres e mais descuidado do que parecia. 5. Um jovem amante vivia com ele, também no momento em que comandava a expedição, e, quando dirigia o governo de uma província, permanecia sempre junto a ele. 6. Com efeito, num banquete, zangando-se com Lúcio, de tal maneira que lhe disse que o amava tanto como deixar um espectáculo dos gladiadores, ainda que nunca tivesse visto morrer um homem, colocando em maior valor o prazer com aquele do que consigo próprio<sup>212</sup>. 7. Lúcio, porém, disse com deleite: “Não há qualquer problema. Eu tratarei do teu desejo”; e depois de mandar que trouxessem da prisão um dos condenados, logo enviando um subalterno, ordenou, no banquete, que cortassem o pescoço do homem. 8. Valério Ântias<sup>213</sup> afirma que Lúcio não procurou agradar a um amante, mas a uma amante. 9. Lívio, porém, diz que num discurso de Catão estava escrito que a um desertor Gálata, que chegou com os filhos e a mulher às portas, Lúcio, recebendo-o no banquete, matou-o com a sua própria mão para agradar ao seu amante. 10. Parece, contudo, que isto foi dito por Catão para aumentar a acusação; pois não era um desertor, mas

---

<sup>211</sup> Foi cônsul em 192 a.C.

<sup>212</sup> Com algumas variantes, Plutarco repete no relato deste episódio o que escreveu na biografia de Catão Censor (17), inclusive a referência ao tratado *Da velhice* de Cícero.

<sup>213</sup> HRR I 269; historiador, com fama de ser pouco rigoroso, que escreveu uma *História de Roma*, muito citada por Tito Lívio. A sua obra também é citada nas biografias de Rómulo (14.7) e Numa (22.6).

um prisioneiro apanhado por acusações, pois muito outros e também o retor Cícero no tratado *Da velhice*<sup>214</sup>, que atribui o relato a Catão, o dizem.

19.1. Por isso, quando Catão foi censor, purgando o Senado, expulsou da assembleia Lúcio, mesmo tendo a posição consular, parecia assim que desonrava o seu irmão por meio dele. 2. Por este motivo, ambos, humilhados e chorosos, ao apresentarem-se perante o povo, pareciam precisar de coisas moderadas por parte dos cidadãos, esperando que Catão falasse da causa e da razão, ao anunciar qual a desonra que cobria a notável casa. 3. Com efeito, não se contendo, Catão veio e, ficando junto do seu colega, perguntou a Tito se conhecia o do banquete. 4. Recusando aquele, depois de fazer a descrição, convidou Tito para um acordo<sup>215</sup>, dizia-se que não era verdade qualquer coisa que tinha dito. 5. Por ter ficado Lúcio em silêncio, o povo soube que tinha sido justa a desonra, e conduziu, com regozijo, Catão desde a tribuna. 6. Tito, porém, profundamente comovido com o infortúnio do irmão, uniu-se aos que há muito tempo odiavam Catão, e, por ter poder no Senado, cancelou e aboliu todos os contratos públicos, os arrendamentos e os contratos de compra que aquele fez; 7. e preparou contra ele muitos e grandes processos, por ter suscitado uma inimizade fatal<sup>216</sup>, não sei se correta e de forma política, contra um comandante conforme a lei e o melhor cidadão em prol de um homem de família, mas indigno e que tinha sofrido o que lhe pertencia. 8. No entanto,

---

<sup>214</sup> 12.42. Plutarco conhecia bem este tratado de Cícero, que usa como fonte, por exemplo, no tratado político em que aborda o exercício da atividade pública na velhice.

<sup>215</sup> Em grego, *horismos*.

<sup>216</sup> Ou 'incurável'.

em certo momento que o povo romano assistia a um espetáculo no teatro e o Senado sentado, como era costume, em lugar de honra<sup>217</sup>, vendo-se Lúcio sentado nos últimos lugares, com desonra e humilhação, isso provocou compaixão; e a multidão não conseguiu manter o olhar, mas ordenou com gritos que mudasse de lugar, até que mudou, recebendo-o os cônsules junto deles.

20.1. Com efeito, a ambição por natureza de Tito era popular, enquanto tinha ocasião suficiente para manifestá-la nas referidas guerras. E, de facto, foi novamente tribuno militar depois do consulado, sem que ninguém o pressionasse. 2. Depois de cessar de mandar, e sendo velho<sup>218</sup>, foi mais criticado por estar muito cheio de vontade de glória no resto da sua vida, quando não tinha atividades, e por se comportar como um jovem, não podia refrear-se nesta emoção. 3. Em verdade, parece que ao agir com um tal impulso com Aníbal se tornou ofensivo para muitos. 4. Pois Aníbal, tendo escapado da sua casa, de Cartago, vivia junto de Antíoco, mas, depois da batalha na Frígia<sup>219</sup>, aquele conseguiu a desejada paz, fugiu de novo, errou por muito sítios e, ao serviço de Prúsias, estabeleceu-se por fim na Bitínia; nenhum dos romanos o ignorava, todos olhando para o outro lado por causa da sua fraqueza e velhice, como se tivesse sido abandonado pela fortuna. 5. Tito, porém, quando chegou junto de Prúsias como embaixador por causa de outros assuntos, e vendo ali mesmo que Aníbal ainda vivia, irritou-se por ele estar vivo, e ainda que Prúsias pedisse

---

<sup>217</sup> Ou 'na primeira fila'.

<sup>218</sup> Embora o texto diga que já era velho, provavelmente para os padrões da época, mas note-se que morreu com cinquenta e cinco anos.

<sup>219</sup> Trata-se de um erro porque Antíoco foi derrotado na Lídia, não na Frígia, em 189 a. C.

muito e persistisse em favor de um homem suplicante e amigo, não acedeu. 6. Segundo parece, havia um antigo oráculo sobre o fim de Aníbal que dizia o seguinte:

A terra da Líbia cobrirá o corpo de Aníbal,

ele, então, previa a Líbia e um sepulcro em Cartago, porque ali morreria; mas, na Bitínia, há um lugar de areia junto ao mar e junto a ele uma localidade sem muralhas, não grande, que se chama Libisa; 7. Aníbal, para passar o seu tempo, vivia por acaso cerca dela, mas desconfiando sempre da debilidade de Prúsias e temendo os romanos, tinha já antes a casa perfurada com sete passagens subterrâneas a partir da própria residência, com cada uma das passagens subterrâneas para uma direção diferente, de todas podendo fugir, em segredo, para longe. 8. Com efeito, depois que ouviu a ordem de Tito, preparou-se para fugir pelos subterrâneos, mas encontrando-se com os guardas reais, decidiu morrer por sua própria ação. 9. Com efeito, alguns dizem que se matou, envolvendo a toga à volta do pescoço e ordenando a um escravo que, suportando atrás o joelho com o quadril e gritando com força, se fizesse forte e o girasse em volta até que lhe espremesse o sopro da vida<sup>220</sup>. Mas outros, imitando Temístocles e Midas<sup>221</sup>, dizem que bebeu sangue de touro. 10. Lívio, porém, afirma<sup>222</sup> que, tendo veneno, misturou-o e tomando a taça disse: “Façamos cessar já aqui a grande apreensão dos romanos, que consideram grande e pesado aguardar a morte de um velho odiado. 11. Tito, no entanto, não levará uma vitória digna de inveja, nem uma

<sup>220</sup> Ou ‘alento’.

<sup>221</sup> Este rei da Frígia também é referido por Plutarco na biografia de Temístocles (31.6).

<sup>222</sup> 39.51.8-11.

digna dos antepassados, que, enviados em segredo a Pirro, inimigo e vencedor, informaram-no do veneno que estava destinado”.

21.1. Dizem que, desta maneira, morreu Aníbal. Relatados estes casos ao Senado, Tito pareceu ofensivo não com poucos, excessivamente orgulhosos e cruel, por ter matado Aníbal como uma ave sem asa e sem cauda por causa da velhice, que se deixa viver domesticado, sem que o pressione, mas por causa da fama, para que se tornasse epónimo por causa da morte. 2. E, comparando a doçura e a magnanimidade, admiravam ainda mais Cipião Africano, porque, depois de, na Líbia, combater Aníbal, era invencível e temido, nem o baniu, nem reivindicou a sua entrega aos cidadãos; no entanto, por um lado, antes da batalha, indo ter com ele cumprimentou-o com palavras, e, por outro, depois da batalha, acordando um pacto, não se aventurou nem amaldiçoou a fortuna do homem. 3. Diz-se que eles se encontraram de novo em Éfeso; ao princípio, depois de caminharem juntos, Aníbal tomou o lugar mais importante em honra, enquanto Cipião se contentou com isso e caminhou, com simplicidade. 4. Depois, quando a conversa recaiu sobre os generais, Aníbal ao declarar que Alexandre tinha sido o mais excelente dos generais, depois Pirro, e em terceiro ele próprio<sup>223</sup>, o Africano ao sorrir, com tranquilidade, afirmou: “O que seria se eu não te tivesse vencido?”; 5. E Aníbal respondeu: “Cipião, eu não me tornaria o terceiro, mas o primeiro dos generais”. 6. Muitos admirando estas coisas de Cipião, reprovavam Tito, porque tinha colocado as mãos num morto estrangeiro. 7. Mas alguns haviam aplaudido o

---

<sup>223</sup> Na biografia de Pirro (8.5), Plutarco diz que Aníbal considerou Pirro o melhor, Cipião o segundo e ele em terceiro.

que ele tinha feito, e consideravam Aníbal, enquanto era vivo, um fogo que era necessário atizar. 8. Estando em pleno vigor, nem o corpo nem a mão eram temidos pelos romanos, mas a astúcia e a experiência estavam juntas com a natural crueldade e inimizade. 9. Estas qualidades não diminuem com a velhice, mas a natureza mantém-se no carácter; como não persiste uma fortuna semelhante, mas ao mudar apela à esperança dos que atacam os que sempre combatem por ter ódio. 10. E, de alguma maneira, os posteriores acontecimentos ainda mais testemunharam a favor de Tito: que Aristónico, citarista, por causa da fama de Êumenes, enchera toda a Ásia de revoltas e guerras; que Mitridates, depois de Sila, Fímbria e da destruição de tão grande exército e generais se levantara novamente muito poderoso contra Lucúlo, tanto por terra como por mar. 11. Não obstante, Aníbal não se encontrava mais humilhado do que Gaio Mário. Tinha, com efeito, um rei amigo dele, a vida dele era normal e tinha ocupações com o cuidado das naus, cavalos e soldados. 12. Os romanos que escarneciam com os infortúnios de Mário, quando vagueava e mendigava na Líbia, pouco tempo depois em Roma, cortando-lhes a garganta e açoitando-os, reverenciavam-no.<sup>224</sup> 13. Deste modo, nada do presente é pequeno nem grande em relação ao que há de vir, mas há um só final das coisas que mudam e das que existem. 14. Por isso, também afirmam alguns que Tito não praticou isso por vontade própria, mas foi enviado como embaixador juntamente com Lúcio Cipião, e que a missão da embaixada não era outra que a morte de Aníbal. 15. Porque não registamos depois destas nenhuma ação política nem militar de Tito, mas que teve afortunadamente um final com paz, é o momento de considerarmos a comparação.

---

<sup>224</sup> Cf. *Mar.* 35-45.

(Página deixada propositadamente em branco)

## COMPARAÇÃO DE FILOPÉMEN E TITO FLAMININO

1.1. Com efeito, quanto à grandeza dos benefícios em prol dos gregos não é justo comparar Filopémen nem, em absoluto, muitos dos melhores homens que Filopémen a Tito. 2. Na verdade, as guerras eram de gregos contra gregos, pois ele não era grego e estava a favor dos gregos; e quando Filopémen, provocando espanto por defender os seus concidadãos que guerreavam, foi para Creta, nessa ocasião Tito, depois de vencer Filipe no meio da Grécia, concedia a liberdade aos povos e a todas as cidades. 3. Se, porém, algum examinasse as batalhas de cada um, matou Filopémen mais gregos como general dos aqueus que Tito, ajudando os gregos, macedónios. 4. Assim, os erros de um vieram da ambição, do outro da rivalidade; aquele tinha uma inclinação para a cólera, este para ser inexorável<sup>225</sup>. 5. Na verdade, Tito preservou, também a Filipe, a reputação da realeza e teve um espírito conciliador com os etólios, mas Filopémen excluiu, por causa da cólera, a pátria da união com comunidades vizinhas. 6. Além disso, um sempre foi constante com os que recebem benefícios, mas o outro estava determinado, no seu ânimo, a acabar com o favor. Em verdade, sendo primeiramente um benfeitor dos lacedemónios, mais tarde também destruiu as muralhas, arrasou a região e, por fim, mudou e destruiu a sua constituição. 7. Parece que se demitiu da vida por causa da cólera e da rivalidade, não conforme a ocasião, mas pressionando Messene foi mais acutilante do que

---

<sup>225</sup> Cf. *Cat. Min.* 1.

o necessário, não como Tito, que comandou todas as ações com racionalidade a favor da segurança<sup>226</sup>.

2.1. Mas, a experiência de Filopémen é mais sólida por causa da dimensão das guerras e trofeus. Em verdade, Flaminino distinguiu-se contra Filipe em dois combates, mas Filopémen, por ter sucesso em mil batalhas, não deixou nenhuma controvérsia ao acaso sobre a sua competência. 2. Além disso, um usou o poder dos romanos quando estava no auge, mas o outro teve fama por ter brilhado quando já estava em declínio, de maneira que o trabalho tem sucesso para um de forma individual, para o outro de forma coletiva; um comandou os bons, enquanto Filopémen fez bons os que comandava. 3. Não obstante isto, os combates que este empreendeu foram contra gregos o que não é algo afortunado, mas revela uma poderosa demonstração da sua excelência. De facto, entre os que são iguais em todas as outras coisas é antes a excelência que prevalece. 4. Depois de combater com os gregos mais belicosos, os cretenses e os lacedemónios, foi superior aos mais espertos em estratégias e aos mais valentes em coragem. 5. Além destas coisas, Tito venceu a partir de circunstâncias, usando armamentos e posicionamentos que lhe transmitiram por herança, o próprio Filopémen, porém, inovando e mudando a organização destas coisas, de maneira que o mais preparado para vencer, quando ainda não existia, foi inventado por ele<sup>227</sup>, enquanto o antepassado ajudava o outro. 6. Portanto, Filopémen com a sua mão fez muitas e grandes ações, mas não houve nenhuma do outro; de forma diferente, Arquedamo, um dos etólios, zombou dele, por ele

---

<sup>226</sup> Ou 'precaução'.

<sup>227</sup> Cf. *Philop.* 7.4-6.

desembainhar a espada, por hábito, em corrida contra os macedónios que lutavam e aguentavam firmes, erguendo Tito, imóvel e em posição de suplicante, as mãos voltadas para o céu.

3.1. E certamente teve como consequência para Tito que, como magistrado e embaixador, realizou todas estas belas ações, enquanto se revelou Filopémen nem pior nem mais inútil como particular do que como general para os aqueus. 2. Pois, sendo um particular baniu Nábis de Messene e libertou os messénios, e como particular fechou Esparta ao general Diófanes e a Tito que se aproximavam, e assim protegeu os lacedemónios. 3. De tal maneira tinha uma natureza para comandar, era capaz de governar, conforme fosse necessário, não apenas segundo as leis, mas também para lá das leis, não precisando de tomar o governo junto dos que governava, mas usando estes em alguma ocasião que fosse permitido, por entender que é mais general o que está em representação daqueles do que aquele que é eleito pelos que comandam. 4. Assim, nobre foi a moderação e a humanidade de Tito com os gregos, mas mais nobre foi a austeridade e o amor à liberdade de Filopémen com os romanos. Com efeito, é mais fácil agradar aos que precisam do que desagradar, colocando-se contra, aos mais poderosos.

5. Porém, depois de examinadas desta maneira é mais visível a diferença, veja-se se não parece uma avaliação compreensível conceder a coroa da experiência bélica e da estratégia ao grego, e a da justiça e da bondade ao romano.

(Página deixada propositadamente em branco)

## BIBLIOGRAFIA

- Alston, R. (1996), "Conquest by text: Juvenal and Plutarch on Egypt", in *Roman Imperialism: Postcolonial Perspectives*. Leicester, School of Archaeological Studies, 99-110.
- Astin, A. (1978), *Cato the Censor*. Oxford, Clarendon Press.
- Balsdon, J. P. (1967), "T. Quinctius Flaminius". *Phoenix* 21: 177-190.
- Beltrán Cebollada, J. et al. (eds.) (2013), *Otium cum dignitate. Estudios en homenaje al Profesor José Javier Iso Echegoyen*. Zaragoza, Universidad de Zaragoza.
- Beneker, J. (2012), *The Passionate Statesman: Eros and Politics in Plutarch's Lives*. Oxford, Oxford University Press.
- Beneker, J. (2022), "The Last of the Greeks, and Good Riddance: Historical Commentary in Plutarch's *Philopoemen-Flaminius*", in C. Giroux (ed.), *Plutarch: Cultural Practice in a Connected World*, Teiresias Supplements Online, Volume 3. Münster, Westfälische Wilhelms-Universität, 97-118.
- Boyancé, P. (1941), "Cum dignitate otium". *REA* 43: 172-91.
- Brenk, F. (2017), "Religion in the Lives: *Daimon* and *Tyche*", in L. R. Lanzillotta (ed.), *Frederick E. Brenk on Plutarch, Religious Thinker and Biographer: "The Religious Spirit of Plutarch of Chaironeia" and "The Life of Mark Antony"*. Leiden/Boston, Brill, 81-95.
- Brisson, P.-L. (2018), *Le libérateur de la Grèce. Titus Flaminius et l'héritage hellénistique*. Québec, Presses de l'Université Laval.
- Derow, P. (2015), *Rome, Polybius, and the East*. Oxford, Oxford University Press .
- Fuhrmann, M. (1960), "Cum dignitate otium: Politisches Programm und Staatstheorie bei Cicero". *Gymnasium* 67: 483-99.

- García Bravo, A. (1973), “El pensamiento de Plutarco acerca de la paz y de la guerra”. *CFC* 5: 141-191.
- Geiger, J. (1995). “Plutarch’s *Parallel Lives*: The Choice of Heroes”, in B. Scardigli (ed.), *Essays on Plutarch’s Lives*. Oxford, Clarendon Press, 165-90.
- Gruen, E. (1992), *Culture and National Identity in Republican Rome*. Ithaca, Cornell University Press.
- Gruen, E. (2010), *Rethinking the Other in Antiquity*. Princeton, Princeton University Press.
- Henrichs, A. (1995), “*Graecia Capta*: Roman Views of Greek Culture”. *HSPH* 97: 243-61.
- Hose, M. (2005), “Post-Colonial Theory and Greek Literature in Rome”. *GRBS* 40.4: 303-26.
- Hughes, D. (2013), *Human Sacrifice in Ancient Greece*. London/New York, Routledge.
- Humble, N. (ed.) (2010), *Plutarch’s Lives: Parallelism and Purpose*. Swansea, Classical Press of Wales.
- Jones, C. (1971), *Plutarch and Rome*. Oxford, Clarendon Press.
- Jones, C. (2010), *New Heroes in Antiquity: From Achilles to Antinoos*. Cambridge, Harvard University Press.
- McDonnell, M. (2006). *Roman Manliness: “Virtus” and the Roman Republic*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Morley, N. (2010), *The Roman Empire: Roots of Imperialism*. London/New York, Pluto Press.
- North, J. (1981), “The Development of Roman Imperialism”. *JRS* 71: 1-9.
- Pinheiro, J. (2013), *Tempo e Espaço da paideia nas Vidas Paralelas de Plutarco*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Plutarco (1997t), *Vite Parallele. Filopemen-Tito Flaminino*, introduzione e note di C. Pelling, traduzione di E. Melandri. Milano, Biblioteca Universale Rizzoli.
- Raeymaekers, J. (1996), "The Origins of the Rivalry Between Philopoemen and Flamininus". *AncSoc* 27: 259-76.
- Scardigill, B. (1995), *Essays on Plutarch's Lives*. Oxford, Clarendon Press.
- Stadter, P.A. (2011). "Competition and its Costs: φιλονικία in Plutarch's Society and Heroes", in G. Roskam and L. Van der Stockt (eds.), *Virtues for the People: Aspects of Plutarchan Ethics*. Leuven, Leuven University Press, 237-255.
- Walsh, J. J. (1992), "Syzygy, theme and history. A study in Plutarch's *Philopoemen and Flamininus*". *Philologus* 136.2: 208-233.
- Walsh, J. J. (1996), "Flamininus and the Propaganda of Liberation". *Historia* 43.3: 344-363.
- Webster, J. & Cooper, N. (eds.) (1996), *Roman Imperialism: Postcolonial Perspectives*. Leicester, Leicester University.
- Zeitlin, F. (2001), "Visions and Revisions of Homer", in S. Goldhill (ed.), *Being Greek Under Rome*. Cambridge, Cambridge University Press, 195-266.

(Página deixada propositadamente em branco)

## ÍNDICE DE NOMES (SELEÇÃO)

- Academia – 13 n. 10, 22, 22 n. 41, 76 n. 188
- Acaia – 43
- Acarnânia – 14 n. 17
- Acílio – 12, 12 n. 79
- Acrocorinto – 11
- Alceu – 70, 70 n. 176
- Alexandre – 17, 25, 68, 88
- Aníbal – 55, 56, 60, 62, 71, 72, 78, 86-89, 88, n. 223
- Antígono – 15, 16, 19, 26, 28, 30
- Antíoco – 16, 19, 20, 42, 44, 44 n. 99, 45, 56, 71, 72, 75, 79-81, 83, 86, 86 n. 219
- Apso – 62
- Aquiles – 15, 16, 18, 21, 32, 66
- Arato (*scriptor*) – 11, 14, 14 n. 17
- Arato de Sícion (*miles*) – 14 n. 17, 16, 17 n. 28, 19, 22, 26 n. 55, 30, 30 n. 61
- Arcádia – 14, 16, 16 n. 25, 21 n. 35, 38, 40, 46 n. 106
- Arcesilau de Pitane – 14, 22
- Argos – 36, 46, 75
- Aristenes – 45
- Aristeno Megapolitano – 19, 20, 37, 44,
- Aristócrates – 43
- Aristodemo – 14
- Ásia – 39, 67, 75, 80, 81, 89
- Átalo – 67, 67 n. 165
- Atenas – 13 n. 10, 39 n. 79
- Bitínia – 86, 87
- Cálcida – 44 n. 98
- Cálcis – 20, 44, 72, 75, 81
- Cassandro – 14, 15
- Catão – 13, 54, 56, 84, 84 n. 212, 85
- Cícero – 53, 84 n. 212, 85, 85 n. 214
- Címon – 74
- Cinoscéfalas – 38 n. 77, 54, 56, 68, 68 n. 172
- Cirene – 22
- Cláudio – 13 n. 10
- Cleandro – 14, 21, 21 n. 33
- Cleombroto – 21 n. 35
- Cleómenes – 15, 19, 25-27
- Cleoptólomo – 44 n. 99
- Colonis – 46, 46 n. 106
- Corinto – 12, 50, 72, 77
- Corona – 46 n. 106
- Cráugis – 12 n. 3, 14, 21
- Cráusis (Cráugis) – 21 n. 36
- Creta – 15, 19, 28, 37, 38, 91
- Damófanto – 19, 29
- Dasarétide – 63

- Delfos – 12 n. 5, 22, 34, 76  
Demétrio de Macedónia – 17  
n. 28, 71  
Demófanes – 14, 21 n. 39  
Demofanto – 15  
Dinócrates – 17, 20, 46-49,  
Diófanes – 19, 42, 82, 93  
Ecdelo – 21  
Ecdemo – 21 n. 38  
Epaminondas – 16, 19, 21 n.  
35, 23, 38, 39 n. 79  
Epiro – 27 n. 57, 56, 62, 63,  
65  
Esparta – 12 n. 3, 16, 19, 20,  
21 n. 35, 40, 41, 42 n. 90,  
43, 76, 77, 93  
Eubeia – 44 n. 98  
Euclides – 27  
Eudemo – 14  
Eumenes – 54, 89  
Evandro – 17, 46  
Evangelho – 25  
Fénix – 15, 21  
Filipe – 17 n. 28, 19, 30, 36,  
38, 40, 54, 56, 61- 63, 105-  
72, 75, 79, 80, 82, 91, 92  
Filopêmen – 11, 11 nn. 2, 3,  
12-14, 12 n. 4, 14 n. 17,  
15-31, 22 n. 40, 33-39, 36 n.  
75, 39 n. 8, 40 n. 82, 41-49,  
41 n. 87, 43 n. 91, 49 n. 113,  
51, 53, 54, 55 n. 123, 56, 57,  
59, 77, 77 n. 195, 79 n. 198,  
82, 91-93  
Gítio – 39  
Gortínia – 37 n. 76  
Grécia (Hélade) – 11-14, 14 n.  
17, 17, 18, 20, 22, 26 n. 53,  
30, 35, 42, 44, 45, 50, 54  
n. 123, 55, 56, 59 n. 131,  
61, 71-79, 74 n. 182, 75 n.  
184, 91  
Hércules – 81  
Homero – 17, 21, 25, 32  
Jogos Nemeus – 17, 19, 34, 75  
Lacedemónia – 19, 42, 43  
Lacónia – 24, 26 n. 55, 42  
Larisso – 29  
Leuctra – 21 n. 35  
Líbia – 22 n. 43, 62, 87-89  
Lico – 63  
Licortas – 49  
Licurgo – 20, 43, 76  
Liga dos Aqueus – 19, 30, 35 n.  
73, 41-44, 46  
Lisipo – 19, 36  
Lúcio Múmio (Lucius Mum-  
mius Achaicus) – 14, 20 n. 32  
Lúcio Quíncio Flaminino – 62,  
62 n. 152, 84-86, 89  
Lucúlo – 89  
Macânidas – 15, 19, 33, 34, 34  
n. 69, 36  
Macedónia – 13, 15, 17 n. 28,  
19, 26 n. 56, 31, 44 n. 100,  
54, 61, 61 n. 145, 66 n. 163,  
68, 70 n. 175, 71, 83 n. 207  
Mânio Acílio – 12, 20, 45, 51,  
60, 79, 80, 81  
Mantineia – 14, 19, 21, 33, 35  
Maquiavel – 55 n. 123  
Mar Iónio – 14 n. 17

- Maratona – 74, 74 n. 182  
 Marcelo – 53, 54, 60, 83  
 Mégale – 14, 19, 21, 25, 37, 41,  
 41 n. 86, 43, 46, 49, 50  
 Megalófanos – 21  
 Megalópolis – 21 n. 35  
 Mégara – 19, 36  
 Messene – 17, 19, 20, 26, 36,  
 46, 47 n.108, 48, 70 n. 176,  
 91, 93  
 Messénia – 26 n. 53, 49, 83  
 Mileto – 35 n. 72  
 Mómio – 20, 50  
 Nábis – 12 n. 3, 13, 15, 16 n.  
 25, 18 n. 31, 19, 36-41, 40 n.  
 85, 48, 56, 77, 93  
 Némesis – 45  
 Néocles – 14  
 Nero – 13 n. 10, 75 n. 185, 77  
 Nícocles – 22  
 Pátroclo – 18  
 Pausânias – 12, 12 n. 5  
 Peloponeso – 14, 14 n. 17, 30,  
 33, 38, 42, 46 n. 106, 80, 82  
 Pidna – 44 n. 100  
 Pílates – 11 n. 2, 35  
 Pirro – 54, 65, 88, 88 n. 223  
 Platão – 39, 76 n. 188  
 Plateias – 74, 74 n. 182  
 Plutarco – 11, 13 nn. 10, 14,  
 14,17, 18, 22 n. 45, 53-57, 59  
 n. 131, 60 nn. 136, 137, 138,  
 142, 64 n. 159, 74 n. 181, 75 n.  
 187, 79 n. 198, 84 n. 212, 85 n.  
 214, 87 n. 221, 88 n. 223  
 Políbio – 12, 12 n. 4, 14, 14 n.  
 17, 20, 43, 50, 69 n. 173, 71  
 n. 168, 82 n. 205  
 Polieno – 34  
 Ptolemeu – 30, 37  
 Queroneia – 11, 13 n. 10, 54  
 Roma – 12, 12 n. 8, 13, 15 n.  
 21, 17, 18 n. 30, 57, 59, 59 n.  
 131, 67, 71, 75 n. 184, 77, 80,  
 82, 84 n. 213, 89  
 Salamina – 74, 74 n. 182  
 Selásia – 26  
 Sícion – 14, 17 n. 28, 22  
 Símiás – 34  
 Sócrates – 17 n. 27  
 Tebas – 21 n. 35, 39 n. 79  
 Tegeia – 11-12 n. 3  
 Termópilas – 45 n. 102, 75 n.  
 160, 74, 80  
 Tessália – 56, 65, 67, 70  
*Thesauros* – 48  
 Timolau – 16, 19, 41  
 Timóteo – 11 n. 2, 35  
 Tito Flaminino – 12, 13, 18,  
 19, 23, 23 n. 48, 38, 38 n.  
 77, 40, 42, 45, 52-57, 59-61,  
 63-73, 70 n. 176, 75-84, 79  
 n. 198, 83 n. 208, 84 n. 213,  
 85-89, 91-93  
 Tito Lívio – 53, 54, 84 n. 213  
 Tuditano – 79, 79 n. 198  
 Valério Ântias – 79 n. 198, 84  
 Xenócrates – 76  
 Zeus – 14 n. 17, 73, 76,82

(Página deixada propositadamente em branco)

O par biográfico Filopémen-Flaminino é o único do *corpus* biográfico de Plutarco com dois heróis contemporâneos. Esta dinâmica temporal tem consequências na descrição e no processo comparativo. De facto, Plutarco entrelaça o declínio helénico com a expansão romana na narrativa biográfica. Oscilando entre a *philonikia* e a *philotimia*, misturam-se factos históricos com a interpretação ética e moral. Estes elementos temáticos fornecem, sem dúvida, valiosos elementos sobre a identidade greco-romana.

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Criado em 1967

Unidade de I&D  
financiada por



Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

Projeto  
UIDB/00196/2020

1 2



9 0



IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS